

ORIGEM SÓCIO-ECONÔMICA DOS ESTUDANTES  
UNIVERSITÁRIOS DE SÃO PAULO

Bertram Hutchinson

No decorrer de um outro estudo sôbre o prestígio social das ocupações, surgiu a oportunidade de coletar determinados dados sôbre os antecedentes sócio-econômicos dos estudantes universitários de São Paulo. Os resultados parecem bastante interessantes para justificar an análise em separado.

O método de amostragem geral adotado na investigação foi descrito em um trabalho anterior. (1) Basta assinalar aqui que uma amostra sistemática, principal, foi colhida ao acaso, e constituída de 500 estudantes dentre cêrca de 1.800 (em agosto de 1955) provenientes de tôdas as escolas da Universidade de São Paulo. Esta amostra foi posteriormente entrevistada, em suas casas ou na própria Universidade. Com relação aos aspectos que aqui nos preocupam, o roteiro da entrevista foi simples, exigindo apenas o registro do país de origem do entrevistado, e do local de nascimento de seus pais e avós; a língua normalmente falada em sua casa pelo entrevistado; o local de sua residência permanente; a ocupação de seu pai; tinha ou não o entrevistado emprego remunerado, além de seus estudos universitários; quantas classes sociais em sua opinião, existiam em São Paulo, quais as suas denominações, e à qual delas julgara pertencer. O presente trabalho pretende analisar êstes dados. Em vista do método que se adotou para a seleção dos entrevistados (2), parece-nos provável que os resultados, que a seguir apresentaremos, podem ser tomados como a situação real (com pequena margem de êrros) de tôda a população do 1º ano universitário de São Paulo.

Nacionalidade

A maioria dos estudantes (95,4 por cento), como era de se esperar, nasceu no Brasil, conquanto, como o veremos, muitos tenham,

(1) Alguns resultados preliminares dêsse estudo já foram publicados em Educação e Ciências Sociais, Vol. 1, Nº 2, 1956.

(2) Dr. Otávio da Costa Eduardo, da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, encarregou-se de organizar o setor de entrevistas, de acordo com êste método de amostragem. Desejo consignar-lhe aqui os meus agradecimentos.

em maior ou menor grau, ascendência estrangeira. Por outro lado, essa proporção parece bem mais baixa do que a de brasileiros natos registrados na população total de São Paulo pelo censo de 1950. Os grupos de idade empregados pelo Conselho Nacional de Estatística variaram ligeiramente dos que utilizamos nesta investigação, e, em vista disso, não dispusemos de dados que pudessem ser diretamente comparados aos nossos. Pode-se, entretanto, organizar um quadro comparativo, computando-se, dos dados censitários, aqueles que se referem à proporção de brasileiros natos no grupo de idade de 15 a 24 anos, um grupo que abrange a maioria dos primeiro-anistas universitários (Quadro 1).

#### QUADRO 1

Proporção de brasileiros natos e os nascidos no estrangeiro encontrados entre os primeiro-anistas universitários e na população geral da cidade de São Paulo.

	<u>Brasileiros</u> <u>natos</u> %	<u>Nascidos no</u> <u>estrangeiro</u> %
Primeiro-anistas universitários .....	95,4	4,6
População geral: cidade de São Paulo (1950):		
grupo de idade de 15 a 19 anos .....	98,7	1,3
" " " " 20 " 24 " .....	97,1	2,9
" " " " 15 " 24 " .....	97,8	2,2

Parece haver uma tendência bastante clara de a universidade atrair uma proporção anormalmente alta de pessoas nascidas no estrangeiro. Naturalmente, em muitas Universidades estrangeiras, as populações universitárias apresentam um contingente estrangeiro muito maior do que a população das cidades em que estão localizadas as Universidades; esse fenômeno, entretanto, decorre, em grande parte, da presença de estudantes estrangeiros que, não sendo imigrantes, voltam normalmente a seus países de origem. Em São Paulo isto raramente acontece; a proporção é de menos de um por cento. Deve-se supor, por conseguinte, que os filhos de imigrantes, nascidos no estrangeiro, têm muito mais probabilidade de empreender estudos na Universidade do que os nascidos no Brasil. Na ausência de outros dados especificamente relacionados a esse fenômeno, resta-nos presumir a sua explicação. É possível que os imigrantes estrangeiros tenham maior inclinação para os estudos universitários do que os brasileiros natos. Pode ser que os imigrantes aproveitem a oportunidade de proporcionar educação universitária a seus filhos por considerá-la um meio importante para conseguir êxito econômico e social em um novo ambiente social. Também é possível que a pobreza da população geral da cidade de São Paulo con-

tribua para restringir o número de adolescentes nascidos no Brasil que frequentam universidades, suposição esta que tem como corolário, quer que os pais imigrantes têm uma tendência a possuir rendas bem maiores do que os brasileiros natos, quer que, no caso de não as possuírem, os imigrantes estão mais dispostos a fazer um sacrifício econômico temporário a fim de permitir a seus filhos abraçarem, ao fim dos estudos, ocupações mais remunerativas graças à educação superior que receberam.

Se foi pequena a proporção de estudantes nascidos no estrangeiro, o mesmo não se deu com os brasileiros de origem estrangeira. A penas 21,8 por cento da totalidade dos primeiro-anistas possuíam pais e mães e todos os avós brasileiros de nascimento. (Quadro 2).

#### QUADRO 2

Proporção de estudantes que possuem parentes (isto é, pais ou avós) nascidos fora do Brasil

<u>Número de Parentes nascidos no estrangeiro</u>	<u>Proporção de estudantes</u> % (n = 500)
0	21,8
1	7,2
2	12,6
3	6,8
4	14,6
5	12,4
6	<u>24,6</u>
	<u>100,00</u>

Deve-se notar que, no outro extremo, uma quarta parte dos estudantes pertencia a famílias nascidas, in totum, no estrangeiro, embora não disponhamos de dados que nos permitam dizer até que ponto êstes diferem - caso haja qualquer diferença da média de São Paulo. Entre os extremos que apontamos há uma extensa variedade de combinações de parentes nascidos no estrangeiro (Quadro 3); mas, se quisermos determinar, mesmo aproximadamente, a extensão da influência estrangeira sofrida pelo estudante em seu lar, parece conveniente estabelecer-se um certo método de avaliação.

## QUADRO 3

Proporção de estudantes com determinadas  
combinações de parentes nascidos no estrangeiro

	<u>Proporção de estudantes</u> % (n = 500)
Nenhum .....	21,8
Ambos os pais e todos os avós .....	24,6
Todos os avós .....	12,2
O pai e todos os avós .....	10,0
Os dois avós maternos .....	6,6
Os dois avós paternos .....	4,8
Avô materno .....	2,8
A mãe e todos os avós .....	2,4
Avô paterno .....	2,2
A mãe e os dois avós maternos .....	2,0
O pai e os dois avós paternos .....	1,4
O pai, os dois avós paternos e o avô materno ...	1,4
Os dois avós paternos e o avô materno .....	1,2
A avó paterna .....	1,0
Outras combinações de parentes .....	5,0
Dados insuficientes .....	0,6
	<u>100,0</u>

Vários métodos de avaliação foram empregados a fim de registrar diferenças importantes, tais como possuir, por exemplo, pai nascido no estrangeiro, ou mãe nascida no estrangeiro. Nenhum desses métodos foi inteiramente satisfatório, porém; o melhor meio de se utilizar uma única medida do grau de origem estrangeira pareceu-nos ser o cálculo do número médio dos parentes nascidos no estrangeiro (de qualquer tipo de parentesco) de cada família de estudantes. Esse cálculo foi feito com relação a todos os primeiro-anistas; no Quadro 4 apresentamos uma comparação, com os números correspondentes a cada Faculdade.

QUADRO 4

Número Médio dos parentes dos primeiro-anistas, nascidos no estrangeiro, de acôrdo com as respectivas Faculdades

<u>Faculdade</u>	<u>Número Médio de parentes nascidos no estrangeiro, por estudantes</u>
Arquitetura .....	2,46
Direito .....	2,84
Medicina .....	3,11
Filosofia .....	3,23
<hr/>	
Ciências Econômicas .....	3,50
Politécnica .....	3,52
Farmácia .....	3,54
Higiene .....	3,77
Veterinária .....	3,80
<u>TOTAL (tôdas as Faculdades) .....</u>	<u>3,20</u>

O traço horizontal que atravessa o Quadro 4, separa as Faculdades cujos estudantes possuíam um número médio, ou menor do que a média, de parentes nascidos no estrangeiro, pertencentes a Faculdades com números acima da média. O resultado está nitidamente desenhado. Conquanto em tôdas as Faculdades existisse um número bastante elevado de estudantes de ascendência estrangeira, havia, entretanto, uma tendência, entre os de origem predominantemente brasileira, a preferir as velhas Faculdades tradicionais nos centros brasileiros de cultura. As Faculdades mais novas e, em certo sentido, mais técnicas (como a Politécnica, a de Farmácia etc.), parecem atrair mais os estudantes de origem predominantemente estrangeira. Daí se pode deduzir que os filhos de pais estrangeiros (conquanto não necessariamente nascidos, êles próprios, no estrangeiro) sentem mais disposição a se valerem das novas oportunidades de ocupação que têm surgido em virtude dos processos de desenvolvimento econômico por que tem passado, especialmente, a cidade de São Paulo. Deve-se, porém, levar em consideração também o fato de que as Faculdades de Direito e Medicina conferem, no Brasil, uma espécie de prestígio social aos que as frequentam - um prestígio ao qual o adolescente de parentesco estrangeiro achará mais fácil renunciar do que o brasileiro "puro".

## QUADRO 5

Local de nascimento do Estudante e de seus Parentes

Local de Nascimento	Estudante (n=500)	P A R E N T E S					
		Paí	Mãe	Avô Pa- terno	Avô Pa- terna	Avô Ma- terno	Avô Ma- terna
		(n=500)	(n=500)	(n=500)	(n=500)	(n=500)	(n=500)
	%	%	%	%	%	%	%
Brasil	95,4	62,0	70,2	36,8	39,0	34,2	38,6
Portugal	0,6	5,0	3,4	9,6	7,4	8,2	5,6
Itália	0,4	7,2	4,4	22,6	22,0	26,6	26,6
Espanha	0,2	2,6	1,8	4,2	4,2	3,4	4,2
Alemanha	0,2	1,4	1,4	2,2	2,4	2,6	2,2
Japão	1,2	7,4	7,2	7,4	7,4	7,4	7,4
Oriente Médio	0,2	4,8	2,6	6,4	6,2	6,2	5,4
Outros Países	1,8	9,6	8,4	10,6	11,2	11,2	10,0
Nenhuma Infor- mação	-	-	0,6	0,2	0,2	0,2	-

Reportando-nos agora aos determinados países em que nasceram os estudantes e seus parentes (Quadro 5), poder-se-á notar que o Japão, a Itália e Portugal são os que, excetuando-se o Brasil, mais contribuíram para a população universitária (3). Este fato coincide grandemente com as tendências da imigração, embora o número de estudantes de origem espanhola não esteja em proporção com o que se poderia esperar quando se leva em conta o grande número de imigrantes espanhóis que compõem a população geral. É interessante notar-se o grau de endogamia nacional evidenciado pelos dados apresentados no Quadro 5. Este fato foi sumarizado de maneira mais adequada no Quadro 6 que apresenta, com referência a cada país, o número de mulheres casadas de uma determinada nacionalidade em relação a cada 100 homens casados da mesma nacionalidade. Assim,

(3) É interessante fazer-se uma comparação com os resultados apurados por A. Almeida Jr., em "O Concurso Vestibular de 1954" Rev. Bras. Est. Pedagog. XXII, 1954, pg. 5, que diferem dos que aqui são apresentados. Estes, entretanto, basearam-se em uma análise dos sobrenomes de candidatos a Universidade. Os números referentes ao país de origem de 2.076 estudantes paulistas podem ser encontrados no artigo de Carolina Martuscelli: "Uma pesquisa sobre aceitação de grupos nacionais, grupos "raciais" e grupos regionais, em São Paulo", Boletim CXIX (Psicologia Nº 3) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1950, pg. 60. Os números apurados pela Dra. Martuscelli são muito aproximados aos que apresentamos neste artigo.

se cada homem se tivesse casado com uma mulher da mesma nacionalidade, esse número seria 100 e representaria a completa endogamia dentro desse grupo nacional. Um "índice de endogamia" inferior a 100 indica que os homens se casaram com mulheres de outras nacionalidades, acontecendo o inverso quando esse índice é superior a 100 - isto é, as mulheres de determinada nacionalidade casaram-se com homens fora de seu grupo (Coluna (a)).

#### QUADRO 6

Número de mulheres casadas (parentes dos estudantes) de cada nacionalidade, em relação a cada 100 homens casados da mesma nacionalidade (Coluna (a)); e número de casamentos internacionais por grupos de 100 casamentos (Coluna (b)).

País de Nascimento	Pais e Mães dos Estudantes		Avôs e Avós dos Estudantes	
	(a) Índice de Endogamia	(b) Índice de Endogamia ambos os sexos	(a) Índice de Endogamia	(b) Índice de Endogamia ambos os sexos
Brasil	113,5	13,5	109,2	9,2
Portugal	68,0	32,0	73,8	26,2
Itália	61,1	38,9	98,4	1,6
Espanha	69,3	30,7	110,5	10,5
Alemanha	100,0	00,0	95,8	4,2
Japão	97,2	2,8	100,0	00,0
Oriente Médio	58,3	41,7	93,5	6,5
Outros Países	89,5	10,5	97,2	2,8

O processo gradativo de adaptação ao país de adoção, tal como ocorre entre a primeira e a segunda geração, é aqui ilustrado pelo extraordinário aumento na proporção de casamentos exógamos (ou internacionais) na geração paterna. Com a única exceção das pessoas de origem alemã, houve um número muito maior de casamentos exógamos entre os pais dos estudantes do que entre seus avós; e é bem possível que esse processo seja continuado pela terceira geração - isto é, pelos próprios estudantes. Por outro lado, o grau de endogamia entre todos os grupos nacionais, particularmente acentuado entre os alemães e japoneses, é digno de nota por sugerir a sobrevivência de padrões culturais estrangeiros e uma resistência por parte dos imigrantes à total assimilação

so modo de vida brasileiro. Pode-se supor, por conseguinte, que muitos estudantes universitários, conquanto ôles próprios nascidos no Brasil, provêm de ambientes domésticos em que pelo menos alguns padrões culturais, não-brasileiros, são reconhecidos e adotados de preferência a crenças e atitudes puramente brasileiras.

### A língua falada

Por outro lado, todos os estudantes, com raras exceções, declararam ser o português a língua normalmente falada em suas casas, o que indica que pelo menos sob este aspecto, foi praticamente completa a assimilação cultural ao Brasil.

### Residência Permanente

Já tivemos ocasião de nos referirmos ao pequeno grau em que, até o presente, a Universidade de São Paulo desempenha o papel de um centro internacional de cultura, no que diz respeito à procedência dos estudantes. Se examinarmos mais detidamente os algarismos, verificaremos que a natureza da universidade em questão é de certa forma a de um centro municipal de educação. A residência permanente de 76 por cento dos primeiro-anistas estudados ficava na própria cidade de São Paulo, e a de 20 por cento dêles no interior do Estado. A proporção de estudantes provenientes de outros Estados era pequena (pouco mais de 3 por cento), enquanto aquêles cuja residência permanente era no estrangeiro não chegavam a constituir meio por cento da totalidade dos estudantes. Seria interessante compararem-se estes dados com outros semelhantes, referentes a outras Universidades do Brasil; de qualquer maneira parecem aqui indicadas certas medidas destinadas a incentivar o intercâmbio entre os universitários dos vários Estados. Tanto a Universidade quanto o estudante lucrariam com a troca de idéias e a maior compreensão que se originaria entre o país e o povo, em consequência ao estabelecimento de uma tradição de mobilidade geográfica entre professores e alunos.



Parece haver alguma variação entre uma Faculdade e outra quanto à proporção de estudantes cujas residências ficam fora da própria cidade de São Paulo. As Faculdades de Medicina, Filosofia e Politécnica parecem encerrar uma proporção de estudantes de fora maior do que a média de todas as demais Faculdades reunidas, enquanto a de Direito (conquanto recrutando a maioria de seus estudantes na própria cidade de São Paulo) apresenta uma proporção muito maior do que a média de estudantes de outros Estados do Brasil. Algumas outras Faculdades (Ciências Econômicas, Higiene, Arquitetura, Farmácia e Direito) destacam-se pelo contrário, isto é, têm uma proporção superior à média de estudantes que moram permanentemente na cidade. Embora não sejam claras as regiões dessas diferenças, há alguma base para se acreditar que as Faculdades mais recentemente criadas são as que recrutam a maior parte de seus estudantes nas áreas urbanas da cidade, enquanto os estudantes das velhas e tradicionais Faculdades procedem mais freqüentemente do interior do Estado, de outros Estados e do estrangeiro.

#### Origem de Classe dos Estudantes

A Universidade de São Paulo, teoricamente, é uma instituição pedagógica "ouverte aux talents". É uma Universidade livre, para a qual os estudantes ou os seus pais não têm que pagar qualquer mensalidade, e cujo único onus financeiro é uma pequena taxa anual que pode ser dispensada uma vez que o estudante prove ter dificuldades financeiras. Por outro lado, é limitado o número de vagas, havendo um sistema de exame de admissão com o fim de selecionar os candidatos. E aqui é que pode parecer existir uma certa parcialidade de na seleção dos candidatos à Universidade. Em geral, só o estudante que tenha completado o curso secundário poderá submeter-se ao exame de admissão, uma condição que automaticamente exclui a maioria da população, sem distinção de grau de inteligência ou de nível real (diferente do formal) de educação. O processo básico de seleção para a Universidade ocorre, portanto, numa fase, anterior ao exame de admissão propriamente dito, em que o pai tem que decidir se poderá arcar com as despesas diretas e indiretas (através do exame de sua rentabilidade progressiva) de educação secundária para seu filho. Para aqueles que cursaram a escola secundária, surge um novo processo seletivo quando os pais têm que decidir se podem ou não prescindir por mais tempo da capacidade de ganho de seus filhos. Não é surpreendente, pois, o resultado que se verifica: são os filhos de pais relativamente abastados que freqüentam a Universidade, raramente os filhos dos pobres. Nessas circunstâncias é um fato a estudar-se a proporção em que o número de novos candidatos à Universidade

seria afetado pela instituição de mensalidades. Tudo indica que esse efeito seria pequeno.

A conclusão do projeto geral (do qual este estudo faz parte) fornecerá informações mais pormenorizadas sobre a situação social e educacional do estudante e sua família. Nesta fase dos estudos, entretanto, dispomos de alguns dados preliminares que, conquanto de escopo limitado, oferecem interesse. No quadro 7 apresentamos os grupos ocupacionais de que provêm os pais dos primeiro-anistas universitários, acompanhado de uma análise feita de acordo com a Faculdade freqüentada pelo aluno. A tendência da seleção de estudantes para a Universidade orienta-se claramente para os que provêm das classes alta e média, afastando-se dos que provêm da classe mais baixa.

### QUADRO 7

Grupos ocupacionais (\*) dos pais de primeiro-anistas universitários, de acordo com a Faculdade Universitária freqüentada pelo estudante.

Faculdade Universitária do Estudante	GRUPO OCUPACIONAL DO PAI				
	1.	2.	3.	4.	5.
	Profissões liberais ; altos cargos adm. gerência e direção.	altas posições de supervisão, inspeção, etc.	Posições mais baixas de supervisão, inspeção, etc.	Posições manuais especializadas e cargos de rotina manuais.	Ocupações manuais não especializadas.
Direito (n=66) %	37.8	30.3	25.7	4.5	1.5
Politécnica (n=51) %	43.1	37.2	7.8	11.8	-
Medicina (n=24) %	29.1	50.0	16.7	4.1	-
Filosofia (n=154) %	37.0	33.8	17.5	9.1	2.6
Farmácia (n=40) %	32.5	50.0	12.5	5.0	-
Veterinário (n=4) %	-	-	-	-	-
Higiene (n=13) %	38.5	46.1	7.7	7.7	-
Ciências Econ. (n=16) %	43.7	43.7	-	12.5	-
Arquitetura (n=11) %	54.5	18.2	27.3	-	-
TOTAL (n=379)	38.3	36.4	16.1	7.6	1.6

(\*) Estes dados referem-se às ocupações dos pais que estavam empregados à época da entrevista.

Três quartos dos primeiro-anistas provêm de famílias das classes média-superior e média, e pouco mais de um sexto da classe média-inferior. Menos de um décimo provinha das duas classes mais

baixas (colunas 4 e 5). Não resta a menor dúvida, ao se examinarem os algarismos acima, que a série de obstáculos econômicos e administrativos à admissão na Universidade observados, atuaram efetivamente no sentido de impedir a extensão da educação universitária a outras classes além daquelas de quem essa educação há muito vem sendo um privilégio tradicional no Brasil e alhures.

Embora, às vezes, seja escasso o número de observações à base das quais se fez a análise de acordo com a Faculdade, o material indica que podem haver certas diferenças na origem de classe das Faculdades. É especialmente evidente que a proporção mais alta de estudantes de origem de classe mais baixa (colunas 4 e 5) ocorre nas Faculdades de Politécnica, Filosofia e Ciências Econômicas. As menores proporções de estudantes desse "status" social, aparentemente se encontram nas Faculdades de Medicina e Arquitetura. Parece, realmente, que há uma tendência entre os estudantes oriundos das famílias mais pobres a ingressarem nos mais novos departamentos da Universidade, enquanto os filhos de gente rica preferem os ramos tradicionais do estudo. Por outro lado, não se poderá dizer que a análise do Quadro 7 vai além do que simplesmente indicar a possibilidade de que o padrão não está claramente definido. Ao mesmo tempo há uma razão objetiva para se supor que essa diferença de escolha exista no sentido de que a prática vitoriosa das velhas profissões literárias, tais como direito e medicina, depende, em grande parte, da influência social e das relações que o jovem praticante puder angariar. O mesmo talvez, se dê com respeito à profissão de arquiteto. Em contraste, as profissões técnicas, como a engenharia e outras correlatas, estão provavelmente menos sujeitas a considerações outras que não as puramente profissionais e, por êste motivo, podem atrair mais o estudante de uma família relativamente pobre e sem qualquer influência social. No decorrer desta investigação, esperamos obter novos dados que forneçam melhor base para conclusões mais definidas.

Até o presente, baseamos nossas opiniões sobre a origem de classe da amostra de primeiro-anistas que selecionamos, na posição social indicada pela ocupação do pai. A suposição de ser esta uma medida de posição social, objetiva e socialmente válida, foi amplamente confirmada por trabalhos anteriores do projeto sobre a mobilidade social em São Paulo (4). Mas qual a classe social que os estudantes atribuem a si próprios? Cerca de três quartos dos que foram entrevistados indicaram a existência de três classes sociais na cidade de São Paulo e a maioria dos restantes indicaram quatro. Denominaram essas classes e nelas se colocaram, e, conquanto fôsse grande a diversidade da nomenclatura, os resultados obtidos puderam ser resumidos da forma apresentada pelo Quadro 8.

(4) Cf. Castaldi, C., "Nota sobre a classificação das ocupações quanto ao prestígio social entre um grupo de emigrantes italianos e seus descendentes na cidade de São Paulo.", Educação e Ciências Sociais, Vol. I, No. 2, 1956, pp. \_\_\_\_\_, and Hutchinson, H., "Classificação da posição das ocupações segundo os estudantes universitários: notas sobre alguns resultados preliminares", ibid., pp. \_\_\_\_\_.

## QUADRO 8

Avaliação feita pelos estudantes de sua própria classe social,  
segundo os grupos ocupacionais de seus pais.

Grupo ocupa- cional do pai	ATRIBUIÇÃO DE CLASSE						
	Alta, rica	Média	Burgue- sia	Profis- sões li- berais	Pobres prole- tária, etc.	Outras classes	Sem res- posta
	%	%	%	%	%	%	%
1. Profissões li- berais; altos car- gos administram- tos; gerência e direção (n=149)	4.7	71.1	8.7	6.7	3.4	3.4	2.0
2. Altas posições de supervisão, in- specção, etc. (n=135)	0.7	72.5	8.0	1.4	3.6	8.7	5.1
3. Posições mais baixas de super- visão, inspecção, etc. (n=62)	-	87.1	1.6	1.6	3.2	6.4	-
4. Posições manu- ais especializa- das e cargos de rotina não manu- ais (n=29)	-	82.7	3.4	-	-	6.9	6.9
5. Ocupações ma- nuais semi-espe- cializadas e não especializadas (n=6)	-	66.6	-	-	-	16.7	16.7
Pai não trabalha (n=18)	4.2	61.6	8.3	-	6.2	8.3	8.3
Pai falecido (n=68)	2.9	70.6	10.3	-	2.9	10.3	2.9
TOTAL (todos os estudantes) (n=500)	2.4	73.4	7.4	2.6	3.4	7.0	3.8

Houve em geral, concordância entre a avaliação da ~~seu~~ pró-  
pria classe social feita pelo estudante e a indicada pela ocupação  
do pai, embora se manifestasse maior tendência por parte dos alunos  
para atribuírem a si próprios uma posição de classe média do que pa-  
rece justificar o último critério de avaliação. Não é impossível,  
naturalmente, que os estudantes considerassem a frequência de Uni-

versidade como uma justificativa para reivindicarem essa posição, apesar de sua origem. O fato de que estudantes dos dois grupos ocupacionais mais baixos (4 e 5) reivindicaram filiação na classe média parece confirmar esta hipótese. De fato, parece que os informantes dos grupos ocupacionais mais baixos demonstraram maior tendência a se filiarem na posição de classe média do que os dos outros grupos. Também é digno de nota o fato de que as reivindicações de filiação entre os "pobres" ou os "proletários" só se manifestaram nos componentes dos três grupos ocupacionais mais altos, nunca nos dos grupos 4 e 5, cuja origem de classe "real" pareceria indicar a filiação de fato a essa classe. Os estudantes dos grupos 4 e 5, quando não reivindicaram posição social de classe média, ou preferiram empregar uma nomenclatura diferente para as classes sociais, ou se recusaram a fazer qualquer avaliação de sua própria posição social. Em qualquer destas hipóteses, provavelmente pretenderam esconder sua verdadeira convicção de possuírem baixa origem social. Pelo contrário, os estudantes das classes média e alta que reivindicaram filiação entre os "pobres" ou "proletários", podem ter assim agido por puro espírito de bravata. Seja qual fôr o motivo, entretanto, o propósito do Quadro 8 é confirmar, por meio de dados subjetivos, a natureza de classe média ou alta da população universitária que foi determinada objetivamente pela análise feita de acôrdo com a ocupação de seus pais.

#### O emprêgo dos estudantes

Uma importante característica da população de primeiro-anistas estudada (comum, sob outros aspectos, a toda a população brasileira) é a que indica o grande número de estudantes que tinham empregos remunerados, além de seguirem estudos universitários. Cinquenta e três por cento dos homens e trinta e três por cento das mulheres tinham empregos remunerados, conquanto essa proporção variasse conforme o grupo ocupacional do pai (Quadro 9).

A importância que o emprêgo remunerado tem para muitos estudantes é evidenciada quando se observa que a menor proporção de estudantes empregados ocorre entre aqueles cujos pais têm ocupações relacionadas no grupo 1, enquanto, entre os que figuram no grupo 5 (como entre aqueles cujos pais já faleceram), a proporção é mais do dobro. Parece evidente, portanto, que, para muitos estudantes, o emprêgo remunerado, em regime de tempo parcial, é uma necessidade econômica — uma infeliz necessidade, aliás, pois que necessariamente tem que reduzir o valor dos anos que ôles passam na Universidade.

Proporção de primeiro-anistas que tinham empregos remunerados além de seguirem estudos universitários, segundo o grupo ocupacional de seus pais.

Grupo ocupacional do pai do estudante	Proporção de estudantes em empregos remunerados
	%
1. Profissões liberais, altos cargos administrativos, gerência e direção (n=149)	32.8
2. Altas posições de supervisão, inspeção, etc. (n=138)	43.5
3. Posições mais baixas de supervisão, inspeção, etc. (n=62)	43.5
4. Posições manuais especializadas e cargos de rotina não manuais (n=29)	41.4
5. Ocupações manuais semi-especializadas e não especializadas (n=6)	83.3
Pai falecido (n=68)	80.9
Pai desempregado (n=48)	58.3

### Sumário

1. Dos dados obtidos de uma amostra de primeiro-anistas da universidade de São Paulo é possível concluir-se que a Universidade atrai uma proporção maior de pessoas nascidas no estrangeiro do que a que existe em toda a população da cidade. Evidencia-se também, que determinadas Faculdades atraem uma proporção maior de estudantes de origem estrangeira do que outras: estas eram mais numerosos nas novas Faculdades, enquanto as escolas tradicionais pareciam ter a preferência de estudantes de origem predominantemente brasileira.
2. A maioria dos primeiro-anistas tinham residência permanente na própria cidade de São Paulo e a maior parte dos restantes residiam no Estado de São Paulo. A proporção dos estudantes vindos de outros Estados do Brasil era pequena e a de estudantes estrangeiros (no sentido de que tinham residência permanente no estrangeiro) era insignificante.
3. Uma análise das ocupações dos pais dos estudantes evidenciou claramente o grau de predominância da origem social (da classe média ou média-superior). Das cinco classes socio-ocupacionais que se pesquisou, as duas mais baixas apresentam uma proporção de menos de dez por cento de primeiro-anistas, en-

quanto apenas 3,5 por cento dos próprios estudantes reivindicaram origem "pobre" ou "proletária". Parece ter havido algumas variações entre as Faculdades quanto à origem social dos estudantes, sendo que as maiores proporções de estudantes das duas classes mais baixas ocorreram nas Faculdades de Politécnica, Ciências Econômicas e Filosofia.

4. Mais da metade dos estudantes do sexo masculino, e um terço do sexo feminino tinham empregos remunerados além dos cursos universitários, variando a proporção de acordo com a classe social do pai. A proporção de estudantes com empregos remunerados era muito maior entre aqueles cujos pais eram de baixa origem social (ou cujos pais já eram falecidos) do que entre os demais.

ANALFABETISMO EM SÃO PAULOBertram Hutchinson

No curso de recente estudo sociológico realizado na cidade de São Paulo, a fim de estabelecer a relação existente entre o grau de educação e a mobilidade social vertical, foram colhidos dados sobre o nível de educação atingido pela população adulta da cidade. Em vista da atenção que se vem dando atualmente no Brasil ao problema do analfabetismo, pareceu-nos interessante submeter o material referente a esse assunto a uma análise separada, o que procuraremos fazer neste trabalho. Pretendemos estabelecer a extensão do problema do analfabetismo na cidade de São Paulo, o ritmo do progresso para sua solução que parece evidente pelo material examinado, relativo aos últimos cinquenta anos, e a diferença de sua incidência em ambos os sexos. Examinaremos também as origens nacionais do grupo de analfabetos, a fim de verificar até que ponto a imigração afetou o nível do analfabetismo na cidade, assim como certas outras variáveis, tais como status social, idade de casamento e fertilidade, em suas relações com o analfabetismo.

Inicialmente explicaremos de que maneira foi definido o "analfabetismo" para os fins do presente estudo. É preciso não se esquecer de que no recenseamento brasileiro os alfabetizados são diferenciados dos analfabetos por uma habilidade mínima de ler e escrever, critério esse sujeito a controvérsias, pois não leva em conta as diferenças de nível dessas habilidades. Sendo aquêles cuja capacidade vai pouco além de assinar o próprio nome classificados como analfabetos juntamente com os plenamente alfabetizados e formados pela escola primária e secundária, o resultado forçosamente não retratará a verdadeira extensão do analfabetismo entre a população. Outro método de distinguir o analfabeto define o analfabetismo em termos de falta de educação formal, sendo analfabeto, neste caso, todo aquêle que não teve edu-



cação formal. Esta definição pode ser contestada no sentido de que deixa de distinguir não só os que frequentaram a escola mas não se conseguiram alfabetizar, como também os que aprenderam a ler e a escrever por seu próprio esforço, fora de qualquer sistema educacional. Conquanto essas objeções sejam legítimas, a segunda definição do analfabetismo nos pareceu a que apresentava uma estimativa mais realista das proporções do problema, sendo, portanto, a adotada nesta análise.

Ao analisarmos os dados decorrentes de nosso estudo, os consideraremos, tanto quanto possível, dentro de limites razoáveis, como se representassem toda a população adulta da cidade, embora se baseiem em uma amostra da mesma, tomada ao acaso. É, pois, necessário explicarmos também o método pelo qual foi selecionada essa amostra e, tanto quanto for possível apurar, até que ponto ela pode ser considerada representativa. Na seleção da amostra, procedemos primeiramente à estratificação dos subdistritos em que se divide a cidade, de acordo com o tamanho da população. Da relação apurada, selecionamos dezesseis subdistritos de maneira que representassem adequadamente as diversas naturezas das várias regiões da cidade. Organizou-se então uma "rota" de entrevistas para esses dezesseis distritos, ao longo da qual deveriam operar os entrevistadores, já que não existia uma relação de residentes que permitisse selecionar uma amostra de indivíduos. As rotas foram traçadas procurando, tanto quanto possível, seguir uma linha que atravessasse todas as regiões sócio-econômicas importantes de cada subdistrito e ao entrevistador se recomendou que realizasse uma entrevista de cinquenta em cinquenta casas ao longo da rota. Por meio dessa seqüência de medidas de amostragem levou-se o entrevistador à porta das residências da cidade que constituiriam uma amostra casual bastante satisfatória. Restava, porém, o problema da seleção de um informante, para cuja solução se lançou mão de um recurso destinado a evitar parcialidade. O entrevistador foi incumbido de relacionar, em qualquer ordem, todas as pessoas acima de vinte anos que residissem permanentemente na casa sobre a qual houvesse recaído a escolha. Em seguida selecionou-se um determinado informante (ou informantes nos casos de grandes famílias) por meio de uma série de números

equiprocáveis de Eippet. Sempre que essas instruções foram rigorosamente seguidas, a parcialidade do entrevistador era reduzida ao mínimo, mantendo-se o método de seleção ao acaso.<sup>(1)</sup>

Dêste modo foram realizadas 2.500 entrevistas com membros adultos da população da cidade, cujos resultados comprovam que o método de amostragem empregado não foi ineficaz. Pela comparação da distribuição da amostra segundo o sexo e o estado civil, com os números correspondentes extraídos do Censo de 1950, ficou evidenciado que a amostra era típica de toda a população, quanto a êsses aspectos, com muito pequena margem de erro. Outra comparação da distribuição da amostra por idade com os números correspondentes do Censo revelou que a êsse respeito a amostra era menos satisfatória, uma vez que o grupo de idade mais jovem (20-26 anos) teve representação inferior (porém não muito inferior) àquela que devia ter. Entretanto, com esta ressalva, parece-nos justo considerar a amostra seguramente típica da população adulta da cidade de São Paulo.

## I

De maneira geral, metade da população do Brasil não sabe ler, nem escrever. A êsse fato inquietante, entretanto, de-

---

(1) Desejo agradecer ao Sr. Frank Goldman a valiosa assistência que nos prestou na organização do pessoal de campo para esta investigação, providenciando no sentido de que estas instruções fossem respeitadas tanto quanto possível e conseguindo que, ao cabo de oito semanas após o início dos trabalhos, 2.500 entrevistas fossem concluídas. As Senhoritas Ana Maria Adamo e Atsuko Haga, juntamente com as Senhoritas Nites Feres e Stella Abrantes foram incansáveis. Entre as pessoas que de vez em quando nos auxiliavam nas entrevistas, devemos mencionar as Senhoritas Daisy Arena, Thekla Hartmann, Mirten de Fonseca Pinto, Maria Helena Monti, Paulina Gerer, Wilma Gonçães, Maria Isabel dos Santos, Melanie Berezovsky, Edith Guarim Vieira e os Senhores Helvio M. Pinheiro Lima, Marcog R. de Albuquerque Cavalcanti, Armando Priuli, Jorge Abramo, todos estudantes da Universidade de São Paulo. Sou imensamente grato ao Prof. Fernando de Azevedo e aos seus colegas do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo pelo interesse que demonstraram por êste estudo e a assistência e os conselhos que tão gentilmente nos prodigalizaram.

vem-se acrescentar importantes diferenças regionais da incidência do analfabetismo, das quais a mais importante decorre da grande concentração do analfabetismo nas áreas rurais do país. A Cidade de São Paulo, como o Distrito Federal, apresenta uma taxa de analfabetismo bastante mais baixa do que a média nacional. Por outro lado, conquanto seja mais baixa em São Paulo, a importância do analfabetismo é muito maior nesse centro de desenvolvimento industrial e comercial do que, por exemplo, nas áreas rurais isoladas do interior, onde o fato de um lavrador saber ler e escrever pouco afeta a agricultura de subsistência. O crescimento da indústria gera a procura de mão de obra relativamente educada, ao mesmo tempo que se abrem aos que possuem educação suficiente para delas se aproveitar um novo valor à instrução, pelo menos básica. Em outras palavras, a alfabetização tem em São Paulo uma importância social e econômica que não atinge ainda na maior parte do país. Não obstante, embora a investigação da amostra tenha revelado que a proporção de adultos analfabetos (segundo a definição acima mencionada) na cidade era de apenas 12,2 por cento, ou, aproximadamente, uma quarta parte da média nacional, é ainda uma proporção elevada em comparação com a dos países da Europa Ocidental ou a da América do Norte, onde a incidência do analfabetismo é hoje geralmente insignificante. Além disso, como esses analfabetos vivem em um meio urbano e centro industrial em expansão, constituem, proporcionalmente, um problema mais sério.

A significação econômica do analfabetismo em São Paulo é claramente evidenciada pela análise, que revelou que cerca de metade dos homens analfabetos estão empregados na indústria. Se dispusermos os dados de maneira diferente (Quadro 1), a fim de determinar a proporção de trabalhadores em cada grupo de ocupações, apuramos que a indústria, assim como os transportes e os serviços pessoais, empregam uma proporção de analfabetos muito maior do que os dados estatísticos permitiriam esperar. Em contraste, as ocupações comerciais e os serviços do governo empregam uma proporção muito maior do que era de se esperar.

QUADRO 1

Proporção de pessoas educadas e analfabetas nas principais indústrias da cidade de São Paulo  
(apenas do sexo masculino<sup>(\*)</sup>)

Indústria	Educados %	Analfabetos %	TOTAL (100%)
Agricultura; pesca	83,7	16,3	37
Indústrias extrativas	(100)	-	2
Indústrias de transformação	88,0	12,0	836
Comércio	93,0	7,0	483
Crédito, propriedades, etc.	96,4	3,6	113
Serviços pessoais	87,3	12,7	228
Transportes, comunicações	88,9	11,1	180
Profissões liberais	100,0	-	95
Atividades sociais	100,0	-	44
Adm. pública, legislativo, justiça	93,7	6,3	126
Defesa nacional e segurança pública	93,8	6,2	65
Outras indústrias	91,7	8,3	36
TÓDAS AS INDÚSTRIAS	90,7	9,3	2.245

(\*) Este quadro foi elaborado à base dos dados colhidos, não só entre as pessoas do sexo masculino entrevistadas, como também de mulheres casadas que nos prestaram informações sobre os maridos. É, portanto, ligeiramente parcial, uma vez que inclui dados referentes a maridos já falecidos à época da entrevista.

É preciso não se esquecer, naturalmente, que o material apresentado no Quadro 1, conquanto se refira às indústrias, não estabelece distinção de ocupações dentro da indústria. Como veremos adiante, dificilmente se encontrará um trabalhador analfabeto em ocupações acima do nível semi-especializado; sua ocupação típica é a não-especializada.

Em grandes setores da indústria, portanto, devem existir enormes problemas decorrentes do emprego de analfabetos; quanto à questão de se saber se com o crescente desenvolvimento tecnológico continuará a haver empregos suficientes para absorver todos eles, parece-nos que está a exigir imediata consideração. Ao mesmo tempo, conquanto possa ser verdade que o analfabeto masculino é o que nos interessa mais particularmente, numericamente o problema é predominantemente feminino. Cerca de 9 por cento da amostra eram constituídos de homens analfabetos, quando as mulheres perfaziam pouco mais de 15 por cento, o que quer dizer que aproximadamente dois terços do grupo de analfabetos objeto de nosso estudo são de mulheres. Pode-se pois, argumentar que a maior parte dos analfabetos é relativamente de pouca importância, do ponto de vista econômico, apesar de que recentemente tem crescido o número de mulheres operárias nas fábricas, com o aumento correspondente da importância da educação feminina. Além disso, conquanto o analfabetismo entre o elemento feminino possa ter tido anteriormente pouca influência direta sobre a economia, indiretamente seus efeitos podem ter sido grandes já que as mulheres podem influenciar profundamente a educação dos filhos: os analfabetos, como se sabe, provêm em grande parte de pais analfabetos.

Esta última tendência é revelada pela análise do nível educacional do indivíduo em relação ao do seu pai (Quadro 2). Um terço dos filhos de analfabetos não possuía educação formal, em comparação com apenas uma em quatorze das crianças que tinham pais educados. Em outras palavras, cerca de 60 por cento dos analfabetos de São Paulo são filhos de pais analfabetos, embora a porcentagem esperada (se as duas variáveis fossem independentes) não fosse de mais de 23.

QUADRO 2

Nível educacional atingido pelos indivíduos filhos de analfabetos, em comparação com os filhos de pais educados

Nível educacional	Pais analfabetos (n=578) %	Pais educados (n=1922) %
Nenhuma educação formal	32,0	7,1
Apenas educação primária	52,2	44,2
Primária e outros cursos	6,1	8,9
Educação secundária	6,1	17,4
Secundária e outros cursos	2,8	14,1
Universitária	0,7	7,8
Miscelânea	0,2	0,5

A tendência do analfabetismo a se perpetuar é ainda melhor evidenciada quando se considera a seleção matrimonial em relação ao nível educacional dos dois cônjuges. O cálculo do índice de homogamia<sup>(2)</sup> de cada um dos principais grupos educacionais revela que o analfabeto escolhe uma esposa do mesmo nível educacional com muito maior freqüência do que as pessoas de nível educacional mais alto. Realmente, a tendência dos índices (Quadro 3) indica que quanto mais alto o nível educacional, menor a probabilidade de

(2) Relativamente à origem desse índice de homogamia e sua derivação estatística, vide o trabalho de C. Gini e C. V. L. Charlier. Cf. também Livi, L., Elementi di Statistica, Padua, 1948, págs. 344-350. Dêle se utilizou de maneira interessante Savignan, P., "Matrimonial Assimilation of Immigrants" (Suplemento de Population Studies, Março, 1950), págs. 59-60; e foi aplicado pelo autor deste trabalho: Hutchinson, B., "Some Evidence related to Matrimonial Selection and Immigrant Assimilation in Brazil", Population Studies, xi, Nº 2, 1957.

o indivíduo escolher um companheiro de educação equivalente.

QUADRO 3

Índice de Homogamia em relação  
ao Nível Educacional

Nível Educacional	Índice (*) (H)
Nenhuma Educação	0,42
Educação Primária	0,37
Educação Secundária	0,25
Educação Universitária	0,25

(\*) Um valor positivo de 1 indica homogamia completa, ao passo que um valor negativo de 1 indica heterogamia. Um valor de zero indica independência.

Mas o analfabeto não tem preferência apenas por um companheiro analfabeto, tende também a se casar, mais porém do que uma pessoa educada. Em São Paulo, como em outras regiões do mundo, quanto mais alto o nível educacional, mais avançada a idade do casamento. A idade mediana do casamento, demonstrada no Quadro 4 em relação ao nível educacional, indica que a mulher analfabeta se casa, aproximadamente, um ano mais cedo do que a que possui educação primária, cerca de um ano e meio antes do que a de educação secundária e seis anos antes do que a universitária. A mesma tendência existe entre os homens, conquanto se verificará que os homens analfabetos de São Paulo se casam, em média, bem mais tarde do que os que receberam educação primária - um fenômeno decorrente provavelmente do movimento para São Paulo de jovens trabalhadores rurais, analfabetos, que adiam o casamento até se estabilizarem economicamente ou até voltarem para seus lugares de origem.

QUADRO 4Idade mediana do casamento em relação  
ao nível educacional

Nível Educacional	Idade Mediana do Casamento (anos)	
	Mulheres	Homens
Nenhuma Educação	20,6	26,4
Educação Primária	21,5	26,0
Educação Secundária	22,0	27,0
Educação Universitária	26,5	28,8

O fato de se casarem mais cedo as mulheres analfabetas prolonga-lhes o período de fertilidade em relação às educadas que se casam mais tarde. Aliado ao status econômico inferior, característico dos analfabetos de São Paulo e a outros fatores sócio-econômicos próprios da pobreza, o período mais longo de fertilidade pode redundar em uma natalidade mais alta entre os analfabetos do que nos demais grupos. Isto se evidencia pela comparação das taxas de fertilidade feminina<sup>(3)</sup> em relação à educação dos grupos decenais de idade (Quadro 5).

(3) A taxa de fertilidade aqui empregada foi obtida da seguinte expressão:

$$\frac{\text{Número de nascimentos de mães de X anos de idade}}{\text{Número de mulheres casadas de X anos de idade}}$$

Vide Cox, P.E., Demography, Cambridge, 1950, págs. 142-143.



QUADRO 5

Taxas de fertilidade feminina por idade em  
relação ao nível educacional

Idade Atual da Mãe (anos)	Nível Educacional		
	Nenhuma Educação	Primária	Secundária
20-26	2,75	1,17	1,17
27-36	2,44	2,18	1,98
37-46	4,61	2,64	2,03
47-56	4,70	3,03	2,89
57-66	5,00	4,02	1,50

A leitura horizontal do Quadro 5, da esquerda para a direita, revela que, em todas as idades, quanto mais alto o nível educacional, mais baixa a fertilidade; digno de nota é o fato de que a diferença de fertilidade entre os analfabetos e os que receberam educação primária é maior em todos os grupos (com exceção do último) do que a que existe entre a fertilidade das mães com educação primária e secundária. Em outras palavras, a população analfabeta de São Paulo está se renovando mais rapidamente do que a educada e este fato, juntamente com a tendência de serem analfabetos os filhos de analfabetos, sugere a probabilidade de que a incidência do analfabetismo cresça na cidade, mesmo deixando-se de lado o aumento desse fenômeno em seguida ao fluxo de novos imigrantes analfabetos procedentes tanto do Brasil rural quanto do estrangeiro. Posteriormente estudaremos alguns dados que se relacionam às perspectivas de eliminação definitiva do analfabetismo na cidade de São Paulo. Neste momento, entretanto, será mais conveniente determinar qual o efeito já provocado na atual incidência do analfabetismo pela imi-

cialmente, em dois grupos os indi

vídus de ascendência brasileira e estrangeira, sem qualquer outra discriminação, descobriremos uma interessante tendência ao analfabetismo dos que possuem uma ascendência puramente brasileira ou puramente estrangeira. Os que têm ascendência mista, brasileira e estrangeira, parecem ser muito menos freqüentemente analfabetos do que seria de se esperar. (Quadro 6).

QUADRO 6

Instrução e analfabetismo em relação à ascendência brasileira e estrangeira

Ascendência do indivíduo	Analfabeto %	Instruído %	Total (100%)
Ambos os pais e todos os avós brasileiros	16,3	83,7	664
Um ou mais avós estrangeiros	5,4	94,6	388
Um dos pais e um ou mais avós estrangeiros	4,4	95,6	278
Ambos os pais e todos os avós estrangeiros	13,9	86,1	1.170
Todos os indivíduos	12,2	87,8	2.500

A situação retratada no Quadro 6, entretanto, é muito complexa para permitir fácil conclusão quanto à relativa disposição ou habilidade para aprender. Entre os indivíduos de origens puramente brasileira, por exemplo, a taxa de analfabetismo pode muito bem ser afetada pelo movimento rural-urbano de trabalhadores rurais, analfabetos, a que já nos referimos, enquanto a tendência ao analfabetismo dos que têm ascendência puramente estrangeira pode ser, em parte, o reflexo de idade do indivíduo ou de sua origem em grupos primitivos de imigrantes estrangeiros chegados ao Brasil em estado de analfa-

betismo. Pode-se fazer uma idéia mais clara do problema analisando-se o analfabetismo, por idade, em relação ao país de origem do indivíduo. O resultado dessa análise vai expresso no Quadro 7, em que se dividiu a amostra em duas partes: uma dos indivíduos de 26 a 46 anos e outra daquêles de mais de 46. Essa divisão revelou uma mudança aparentemente importante na composição "étnica" ou nacional da população analfabeta durante o período abrangido pelos dados de que dispomos. Quer dizer, enquanto entre os analfabetos mais velhos os brasileiros natos constituíram apenas a minoria (41 por cento), no grupo mais jovem perfizeram 80 por cento do total ou quase o dobro da primeira proporção.

QUADRO 7

Incidência do analfabetismo, por idade,  
em relação ao país de origem do indivíduo

Local de nascimento do indivíduo	Idade atual do indivíduo					
	Acima de 46 anos			de 20 a 46 anos		
	Educado %	Analfabeto %	TOTAL %	Educado %	Analfabeto %	TOTAL %
Brasil	60,5	41,0	56,5	78,9	80,0	79,0
Portugal	6,5	17,9	8,8	2,9	6,7	3,2
Itália	13,5	17,2	14,2	1,8	4,2	2,0
Alemanha	1,3	-	1,1	0,7	-	0,6
Espanha	2,8	7,5	3,8	0,5	4,8	0,9
Japão	1,1	0,7	1,1	0,3	-	0,3
Oriente Médio	1,3	0,7	1,2	0,3	0,6	0,3
Outros	4,8	8,9	5,6	4,6	1,8	4,4
Sem informação	3,2	6,0	7,7	10,1	1,8	9,4
<b>T O T A L (100%)</b>	<b>535</b>	<b>137</b>	<b>672</b>	<b>1660</b>	<b>163</b>	<b>1823</b>

Essa mudança, entretanto, é mais aparente do que real, pois durante o período em observação a proporção de brasileiros natos na população adulta também aumentou. Se reconsiderarmos o Quadro 7 à luz destas últimas observações, veremos que no grupo de idade mais jovem a incidência do analfabetismo entre os brasileiros natos corresponde exatamente à proporção esperada. Em outras palavras, onde os brasileiros natos constituem 79 por cento do grupo de idade, uma cifra correspondente de 80 por cento de analfabetos dessa idade não foge muito à porcentagem calculada. No grupo de idade mais velha, sim, a proporção de analfabetos brasileiros natos era muito menor do que se esperava. Essas considerações levam-nos à conclusão de que, na cidade de São Paulo, os brasileiros, conquanto constituam a maior parte do grupo de analfabetos (uma consequência natural de sua predominância na população em geral) ressaltam dessa análise de forma bastante satisfatória. Na realidade é entre os nascidos no estrangeiro que se observa uma incidência do analfabetismo mais alta do que a esperada. Com exceção das pessoas nascidas na Alemanha ou no Japão (que apresentam uma incidência de analfabetismo abaixo da esperada<sup>(4)</sup>) o imigrante estrangeiro, principalmente de Portugal, de Espanha e da Itália, parece ter concorrido desproporcionalmente para o analfabetismo.

Iremos agora considerar a incidência do analfabetismo em sua relação ao status social e à mobilidade social vertical. Nesta análise utilizamos as seis categorias estabelecidas segundo a ocupação. (O processo por meio do qual se chegou a essa classificação foi descrito em outro trabalho<sup>(5)</sup>). Como era de se esperar,

- 
- (4) Conquanto se deva ter em mente que essa conclusão se baseia em um pequeno número de casos, estando, portanto, sujeita a erros estatísticos. Por outro lado, coincide com o que geralmente se acredita ser a realidade.
- (5) Hutchinson, B., "Hierarquia de prestígio das ocupações, segundo os estudantes universitários", Educação e Ciências Sociais, I, nº 2; Castaldi, C., "A classificação das ocupações quanto ao prestígio social entre um grupo de emigrantes italianos e seus descendentes na cidade de São Paulo", *ibid.*, I, nº 3. Ver também Hutchinson, B., "The Social Grading of Occupations in Brazil," British Journal of Sociology, viii, 1957.

o analfabetismo está estreitamente relacionado à baixa posição social. A análise do grupo de analfabetos segundo a posição social do pai do indivíduo revelou que 69,9 por cento de analfabetos de ambos os sexos pertenciam à Categoria 6 (a mais baixa) contra apenas 25 por cento de pessoas educadas (Quadro 8). Em qualquer outra das categorias superiores, principalmente nas três mais altas, a proporção de analfabetos era muito menor do que se esperava.

QUADRO 8

Categoria de status social do pai em  
relação à educação do indivíduo

Categoria de status do pai	Educação do indivíduo		TOTAL %
	Analfabeto %	Educado %	
1 (mais alta)	0,7	5,4	4,8
2	0,3	5,5	4,9
3	0,7	15,2	13,4
4	6,2	21,9	20,0
5	17,6	24,6	23,7
6	69,9	25,0	30,5
Dados insuficientes	4,6	2,5	2,7
<b>T O T A L (100%)</b>	<b>305</b>	<b>2195</b>	<b>2500</b>

Um quadro bastante semelhante surge da análise segundo o status atual do próprio indivíduo, conquanto de maneira geral o analfabeto pareça ter melhorado ligeiramente em comparação com o pai. Por outro lado, essa melhoria é em parte um reflexo da mudança da composição do status social da população em geral. Por exemplo, enquanto 30,5 por cento dos pais dos indivíduos constantes de nossa amostra pertenciam à categoria 6, apenas 13,6 por cento dos indivíduos eles próprios (educados ou analfabetos) a ela pertenciam. Contudo é

interessante mostrar-se que já 5 por cento de homens analfabetos tinham conseguido atingir, quer a categoria 2 quer a 3, o que indica que o analfabetismo não constitui por si só uma barreira à melhoria de status social ou econômico. A história particular de conhecidos imigrantes, já nos familiarizou, naturalmente, com o homem de baixa origem que, apesar de analfabeto, obteve êxito econômico.

Prosseguindo neste tópico, o material foi reorganizado de maneira a permitir uma dupla análise do nível educacional, primeiramente dos indivíduos que permaneceram na categoria de status de seus pais e, em seguida, dos que dela se afastaram, isto é, a análise foi feita com o fim de determinar de que maneira o nível educacional está relacionado à mobilidade social. Os resultados podem ser apresentados de duas maneiras, uma demonstrando o nível educacional dos indivíduos que se moveram quer para cima, quer para baixo na escala social e a outra revelando o histórico de mobilidade dos indivíduos em cada grau de instrução. A primeira forma de apresentação foi a adotada no Quadro 9.

#### QUADRO 9

Categoria de status do indivíduo em relação à  
do seu pai e em relação à própria educação  
(apenas do sexo masculino)

Categoria de status do indivíduo em relação à do seu pai	Educação do indivíduo				
	Nenhuma %	Primária %	Secundária %	Universitária %	Outras %
Superior (n=428)	7,7	51,4	27,2	13,6	0,2
Igual (n=462)	11,9	48,9	28,5	10,0	0,6
Inferior (n=181)	6,1	46,4	39,8	7,7	-
TOTAL (n=1071)	9,2	49,5	29,9	11,0	0,4

Pode-se notar que, tanto entre os que subiram quanto entre os que desceram de status, o analfabetismo revelou-se mais baixo do que se poderia esperar pelo exame dos dados estatísticos. Em contraste, a proporção dos analfabetos entre os que se mantiveram imóveis foi maior do que se esperava. O analfabetismo é, portanto, um obstáculo à mobilidade ascendente. A falta de educação pode também contribuir para a perda de status, conquanto este fato não se evidencie em nossos dados em vista de haver a maioria dos analfabetos nascido na categoria mais baixa de status, não podendo, portanto, descer mais; explica também a proporção mais elevada do que se esperava de analfabetos socialmente imóveis. Estes pontos são esclarecidos pela segunda análise apresentada no Quadro 10.

QUADRO 10

Educação do indivíduo em relação à sua atual categoria de status, e em relação à do seu pai (apenas do sexo masculino)

Categoria de status do indivíduo em relação à do seu pai	Educação do indivíduo				
	Nenhuma %	Primária %	Secundária %	Universitária %	TOTAL %
Superior	33,3	41,5	36,3	49,2	40,0
Igual	55,6	42,6	41,2	40,0	43,1
Inferior	11,1	15,9	22,5	11,8	16,9
TOTAL (100%)	99	530	320	118	1071

É evidente que de todos os grupos educacionais especificados foi o dos analfabetos o que menos conseguiu subir de status. Ao mesmo tempo é extraordinário o fato de que um terço dos indivíduos

totalmente analfabetos tenha conseguido atingir status mais alto que o de seus pais e este resultado, contrariamente ao que talvez se pudesse prever, não está tão aquém da proporção estatisticamente esperada. A mobilidade ascendente dos analfabetos está geralmente restrita, como é natural, à passagem da categoria 6 para a 5, não havendo grandes possibilidades de passarem para as superiores. Contudo, a tendência ascendente está presente e, apesar de não se poder duvidar do obstáculo que constitui a falta de educação, a incidência da mobilidade entre os analfabetos é quase tão grande quanto a que se manifesta entre os que receberam educação formal.

Podemos terminar este estudo concluindo que a tendência ao analfabetismo, conforme revelada pelos nossos dados, está diminuindo - sua eliminação definitiva, segundo cremos, é o objetivo almejado pela grande maioria. O material referente à nossa amostra da população adulta da cidade não deixa dúvidas de que o analfabetismo diminuiu muito nos últimos cinquenta anos, sendo essa taxa de decréscimo principalmente alta entre as mulheres. O Quadro 11 indica que a proporção de analfabetos entre os indivíduos do sexo masculino baixou de 15,4 por cento do grupo de idade mais velha para 5,6 do grupo de idade mais jovem. Entre os do sexo feminino essas porcentagens são de 33,3 e 9,5.

#### QUADRO 11

Porcentagem de analfabetos em relação ao sexo e ao ano de nascimento do indivíduo

Ano de nascimento do indivíduo	Porcentagem de analfabetos	
	Homens	Mulheres
Antes de 1880	15,4	33,3
1880-89	19,0	35,3
1890-99	22,0	33,0
1900-09	8,5	22,4
1910-19	7,1	12,4
1920-29	4,8	12,2
1930-36	5,6	9,5
TOTAL	9,2	15,3



Dois características do material apresentado pelo Quadro 11 merecem maiores comentários. Em primeiro lugar, pode-se observar que a taxa de analfabetismo do segundo e terceiro grupos de idade é mais alta do que a do primeiro, do quarto e demais grupos subsequentes. Já vimos que a imigração estrangeira foi um dos grandes fatores do analfabetismo na cidade e que esses grupos mais velhos coincidem com um dos mais importantes movimentos migratórios para o Brasil - o que se verificou na passagem do século. Em segundo lugar, há um visível aumento do analfabetismo entre os indivíduos mais jovens do sexo masculino que, por sua vez, deve ter-se originado no número crescente de trabalhadoras analfabetas, migrantes das zonas rurais a que já tivemos ocasião de nos referir no princípio deste trabalho. Apesar dessas aberrações da média, entre tanto, a tendência geral revelada pelo Quadro 11 é descendente e indica que em futuro não muito distante o analfabetismo talvez desapareça inteiramente da população adulta de São Paulo.

Achamos, portanto, interessante utilizar nossos dados para tentar uma projeção aproximada, destinada a determinar a data em que o analfabetismo poderá ser totalmente eliminado da cidade. A tendência revelada pelo Quadro 11 pode ser convertida em uma linha reta e projetada no futuro por meio do método dos mínimos quadrados. Essa linha de tendência foi calculada para cada sexo separadamente e os valores correspondentes a cada ano são apresentados no Quadro 12.

QUADRO 12

Porcentagem de analfabetos na população adulta:  
Linha de tendência dos homens e das mulheres

Ano de nascimento do indivíduo	Porcentagem de analfabetos	
	Homens	Mulheres
Antes de 1880	19,6	37,4
1880-89	17,0	32,5
1890-99	14,4	27,5
1900-09	11,8	22,6
1910-19	9,2	17,7
1920-29	6,6	12,7
1930-39	4,0	7,8
1940-49	1,4	2,9
1950-59	0,0	0,0

As inferências deste quadro podem ser mais claramente percebidas no Diagrama I em que as linhas de tendência foram adaptadas às curvas do analfabetismo em relação ao ano de nascimento. Nesse diagrama ressalta claramente a taxa diferencial de declínio da incidência do analfabetismo segundo o sexo. Enquanto no início do período estudado a incidência do analfabetismo foi maior entre as mulheres do que entre os homens (diferencial que se manteve), o analfabetismo declinou bem mais depressa entre as mulheres - como o indica a queda mais brusca da linha de tendência adaptada. Outro fato interessante é que as diferenças na taxa de declínio, quando projetadas no futuro, parecem resultar na eliminação do analfabetismo entre os dois sexos mais ou menos na mesma época.

A conclusão que se pode tentar tirar desta análise é que o analfabetismo em São Paulo será completamente eliminado na

ocasião em que todos os que nasceram entre 1950 e 1959 tiverem atingido o vigésimo ano de existência. Em outras palavras, a geração que está nascendo agora e todas as gerações subsequentes na cidade de São Paulo estarão alfabetizadas ao atingirem a idade adulta. Esta conclusão, naturalmente, está sujeita a uma série de ressalvas:

(i) É preciso não se esquecer de que a mortalidade só gradualmente suprimirá da população da cidade os analfabetos das gerações mais antigas.

(ii) a previsão na baseia em uma amostra da população, estando, portanto, sujeita a erros de amostragem.

(iii) admitiu-se que as oportunidades de educação formal acompanharão tão satisfatoriamente quanto no passado os aumentos da população em idade escolar.

(iv) a previsão também admite que não haverá um grande fluxo de pessoas analfabetas procedentes do Brasil rural ou do estrangeiro: o efeito da imigração sobre a incidência do analfabetismo é evidente, de acordo com o material apresentado neste trabalho.

Contudo, mesmo tendo em mente estas ressalvas, é possível prever-se a eliminação virtual do analfabetismo entre os homens e mulheres que atingirão a idade adulta entre 1970 e 1979.

Handwritten: *traduções*  
1  
3.25

C. B. P. E. ENTRADA
COJANIZ
Nº 106/52

ASPECTS OF UNIVERSITY EDUCATION AND SOCIAL STATUS  
IN SÃO PAULO

Bertram Hutchinson

In Brazil, as elsewhere, University training is an accompaniment of, if it is not the only key to, many occupations of high social prestige. Moreover, for those who are able to obtain it, a University education can be of paramount importance in a course of upward social mobility, just as it can minimize the fall in social status of those whose status is otherwise declining. On the other hand, it is unusual to find a University which is not highly selective in the degree to which it opens its doors to the various socio-economic classes of the community it serves. This selectivity is in part an intellectual and educational one, but it operates independently of these factors in favour of children whose origin lies in the higher social classes and unfavourably in respect of lower class children. There is, of course, a significant relationship between social class and educational (and, with some qualification, intellectual) attainment which to some extent justifies, in terms of the University's educational purposes, the selective process. Nevertheless, there remains a residuum of social and economic factors which though having little immediate relevance to intellectual ability, is probably equally important in the overall process through which certain children enter a University while others do not.

Among the most important of these factors are the direct and indirect costs of a University education, which closely relate to parental income the chances of obtaining such an education, irrespective of intellectual capacity. In recent decades there has grown up a widespread uneasiness in face of this weighting of the educational scales. Many countries have been led to initiate, or to develop further, policies of financial aid to promising students, such policies making use, in a variety of combinations, of partial or total remission of tuition fees, and of scholarships meeting wholly or in part the student's

living expenses. The effect of such policies, though significant, has not in general been such as to overthrow finally the class bias in University selection. In Great Britain, for example, despite a dramatic multiplication in the years since the Second World War of the number of University grants and scholarships, the University population remains a largely middle - and upper-class one in which students of lower-class origin are in a minority.

It is well to remember, however, that in Britain these developments have taken place within the framework of a relatively stable social structure. In Brazil, and notably in São Paulo, as in other territories undergoing a process, more or less rapid, of social and economic development, the situation is more fluid. Class boundaries are not always clearly marked, while vertical social mobility reaches dimensions which in Europe are rarely found today. It is therefore a situation in which higher education might be expected to pay particularly high social and economic dividends to those who possess it. It is therefore of interest that in these circumstances of social disequilibrium the University of São Paulo offers courses leading to a degree for which tuition fees are either negligible or entirely waived. For the existence of a "free" University destroys at least partially the economic basis of student-selection, and it may be an important means of facilitating upward social mobility. In this paper we shall be discussing some aspects of University education in São Paulo in their relation to social status and mobility, and in the light of what University students themselves seek, and expect to receive, from it.

The past century has been one in which Brazil has been endeavouring to extend education to all sections of the population. While the distance which still remains to be covered before this goal is achieved may be judged from the fact that half the population is even now illiterate, substantial progress has been made. It is a commonplace, however, that all Brazilians do not have an equal chance of gaining even the most rudimentary education. Among the factors which determine whether a child shall or shall not be educated his place of residence probably overrides all others. The rural child has far less opportunity

than the city child of gaining a formal education. Our purpose here is to discuss certain other determinants of educational attainment as these are illustrated within the special group - University students and their families - which has been subjected to study. In what follows we shall examine in chronological terms the varying educational experience of fathers and grandfathers of University students in an attempt to illustrate specifically how far formal education has become more widely available from one generation to another. We shall examine also the degree to which the educational experience of the father influences the amount of education which his son is able to obtain, and we shall consider education in relation to parental and filial social status. This will be followed by a discussion of evidences of social mobility as between the parental and grandparental generations, which may permit us to regard the contemporary University student as the heir of a vested class interest, or as the culmination of a process of vertical social mobility which has continued through three generations of his family. Finally we shall raise briefly the subject of geographical mobility between the generations in order to see whether social mobility has a parallel in movement from country to town, or from region of Brazil to another.

In the second section the analysis is concerned with the opinions of the University student himself. We shall attempt to throw some light upon the ends which students seek to achieve through University education, and the extent to which students feel that the University is fulfilling their expectations. More specifically we shall examine the student's criticisms of the University and his suggestions for the improvement of current University teaching. Finally we shall see the importance, for the student himself, of University education as a means of achieving a higher social status.

The material upon which the following discussion is based is derived from interviews with a sample of 700 students of the University of São Paulo. This sample was formed by selecting names at equal intervals from the Faculty lists of the University, and a substitute list was prepared in a similar fashion in anticipation of the impossibility of encountering some of the students whose names appeared on the original list. A

combination of unforeseen circumstances prevented the completion of the interviewing within the period scheduled for it, with the result that interviewing had to be continued throughout a long vacation. In consequence the substitute list had to be used rather frequently during this time in order to fill the gap left by students who had left the city for the duration of the University vacation. The resulting sample must therefore be regarded as slightly biased in favour of students whose permanent homes are in the city of São Paulo, as against those whose homes are in the interior of the State.

I

The University students who were the subject of the inquiry may be regarded as those who, on the completion of their degree course, have enjoyed to the fullest extent possible the educational resources which Brazil has to offer. To this extent, therefore, their position in the discussion of the educational experience of their fathers and grandfathers which follows is to serve as a basis for comparison. Educationally, the student group is more or less homogeneous. Do their relatives form an equally homogeneous group, considered educationally; or, in other words, how far is entrance to the University today independent of the degree of education of the applicant's relatives?

The Educational Experience of the Student's Grandfather

One of the difficulties with which we are faced in the analysis of the material relating to the student's paternal grandfather arises from the high proportion of informants who were unable to give us detailed information about him. The effect of this is evident in Table 1, where the educational level of grandfathers appears considerably below that emerging when individuals for whom we have no information are omitted from the calculation (Column b). In so far as can be ascertained, however, there is no reason to suppose that ignorance of the grandfather's education was associated with any social or economic characteristic that is relevant to our present purpose. The following analysis is therefore restricted to those individuals for whom we have complete data.

TABLE 1

A Summary of the Educational Experience of  
the Student's Paternal Grandfather

Type of Course	Attended		Not Attended		No Inform.	Total	
	(a)	(b)	(a)	(b)	(a)	(a)	(b)
	%	%	%	%	%	%	%
Primary School	60.4	92.0	5.3	8.0	34.3	100.0 (700)	100.0 (460)
Secondary School	23.7	43.1	31.3	56.9	45.0	100.0 (700)	100.0 (385)
Further Education (*)	23.9	31.9	51.1	68.1	25.0	100.0 (423)	100.0 (317)

(\*) Refers only to those grandfathers who are known to have attended a primary school.

Apart from primary education (which all but a small proportion of grandfathers enjoyed) the educational level of the grandparental generation regarded as a whole is considerably below that of the students. While it cannot be said that the grandparent in any way established a tradition of University education for his family (since the proportion who had a University degree was no more than 15 per cent.), it is significant that the proportion of primary- and secondary- educated grandfathers is very much above the general average for even present-day Brazil. It seems, therefore, that the student's grandfather, though in general not as highly educated as his grandson, may have established for his family a habit of formal education which was out of the ordinary. On the other hand, it is noteworthy that when the data is re-arranged according to the grandfather's year of birth (Table 2) it becomes evident that there is no significant tendency during the latter half of the nineteenth century for formal education to become more common. The proportion of grandfathers attending either primary or secondary schools is not significantly greater among those born at the end of the century than it was among those born in the middle decades. The whole question is complicated by the fact that a large proportion of these grandparents were foreign-born and received their education outside Brazil, with the



result that we cannot consider this generation as having been subjected to the same educational environment. As we shall see later, a tendency for formal education to become more common with the passage of years and the gradual improvement of the Brazilian educational system becomes evident in the parental generation. But from the evidence we are at present considering it seems probable that the students' grandfathers established a habit of primary school education at a period when, in Brazil, this was unusual, while it may be that in subsequent generations this habit extended to secondary education (the fathers) and later to the University (the student). Thus we may conceive of each generation in turn consolidating the educational gains of that preceding it, and at the same time making fresh advances into the higher levels of the educational system.

TABLE 2

Attendance of Paternal Grandfathers at various levels of formal education, in relation to the Grandfather's year of birth

Year of Birth	Type of Course		
	Primary % (n)	Secondary % (n)	Further Education % (n)
Before 1860	89.4 (66)	42.6 (54)	25.5 (47)
1860-9	91.1 (79)	44.1 (68)	30.4 (56)
1870-9	94.8 (96)	34.5 (87)	28.6 (77)
1880-9	84.9 (53)	35.4 (48)	27.8 (36)
1890-9	100.0 (10)	50.0 ( 6)	43.0 ( 7)

The Educational Experience of the Student's Father

Although the concept of consolidation of educational gains is lent support by the general picture of the educational level of the fathers of students, the corollary of advance to higher levels is not, perhaps, confirmed to the degree that one hoped. While primary school attendance in the parental generation approached uniformity (slightly less than 4 per cent. having had no primary education, compared with 8 per cent. of the grandfathers) the proportion who continued to secondary education

though greater than in the preceding generation, is not sufficiently large to support any idea of an "invasion" of secondary levels from families already securely based on primary schools. The same is true of further education, which was pursued by a greater proportion of fathers than of grandfathers, but which does not show an increase in attendance as between generations which is dramatic.

TABLE 3

A summary of the Educational Experience of  
the Student's Father

Type of Course	Attended	Not Attended	No Information	Total
	%	%	%	%
Primary School	96.1	2.9	1.0	100.0 (700)
Secondary School	56.3	39.6	4.1	100.0 (700)
Further Education	40.7	54.7	4.8	100.0 (673)

The treatment of the parental generation as a single group, however, conceals certain significant differences which are revealed when the material is considered chronologically. Table 4 is much more interesting in that it shows how access to all levels of education increased over time within the parental generation and not merely in comparison with the preceding generation. Over the forty-fifty year period represented by Table 4 the proportion of students' fathers achieving not only primary, but secondary and "further" education increased substantially, the proportion attending secondary schools increasing by approximately 50 per cent., and the proportion taking courses of further education more than doubling.

TABLE 4

Attendance of Fathers at various levels of formal education, in relation to the Father's year of birth.

Year of Birth	Type of Course		
	Primary	Secondary	Further Education
	%	%	%
1889 or before (80)	92.5	41.3	21.2
1890-9 (173)	95.3	58.4	41.0
1901-9 (368)	97.5	56.8	42.1
1910-9 (58)	98.2	61.9	46.6

Such figures, of course, tell us nothing of the quality or content of the education which was offered from one period to another. Nevertheless there is no doubt that within the time-span represented in Table 4 there was a gradual, but significant, increase in the average length of time devoted to secondary education. Between the beginning of the period under review and its end there was an increase of almost one year in the average time spent at the secondary school - those born in 1889 or before showing a median of 4.66 years, compared with 5.49 years among those born in the period 1910-1919. There is thus a tendency not only for a larger proportion of the younger than of the older fathers to have any form of formal education, but also for each member of the former group to have had more of it.

It is in the material relating to the further education (usually post-secondary) of the fathers that we find reflected a number of social, economic and administrative changes in Brazil, particularly in São Paulo. Of especial interest is the marked growth over the forty-fifty year period in the proportion of fathers who took technical courses, doubtless in response to the changing economic pattern in São Paulo and the growing demand for properly trained technicians in the industries in course of

development in the region. Thus, among those born in 1889 and before only one father in every sixteen had taken a technical course, compared with nearly one in every four among fathers born between the years 1910 and 1919 (Table 5).

TABLE 5

Types of Further Educational Courses  
pursued by those fathers who attended  
them, in relation to the Father's  
Year of Birth

	Type of Course (*)					No. Inform.
	Commercial	Technical	Normal	University	Other	
	%	%	%	%	%	%
1889 or before	17.6	5.9	88.1	53.0	-	-
1890-9	5.6	8.5	2.8	69.0	24.0	1.4
1900-9	13.4	7.8	0.7	66.6	10.6	0.7
1910-9	9.1	22.7	54.5	13.6	-	-

(\*) Some individuals attended more than one course. The total of percentages may therefore be greater than 100.

The varying popularity of normal or teacher-training courses during the period is also evident. Roughly between the 1907 and the beginning of the Vargas regime the proportion of students' fathers who took normal courses shrank to almost negligible dimensions. During the same period the proportion taking University, commercial and other, unspecified courses was augmented. Among the youngest fathers (those born between 1910 and 1919) the normal course re-established something of its former popularity, although this was accompanied by a drastic fall in the proportion attending a University, and a startling increase in the proportion taking a technical, non-university, course. Thus, during a time when the total proportion of fathers undertaking further education of one sort or another was increasing, the choice of course taken varied considerably.

The central years of the period under review were years of heavy immigration to Brazil, and some part of the explanation of these phenomena may be sought in the conditions prevailing at that time and in the aspirations of the immigrants for themselves and for their children. (1) On the other the varying popularity of the normal and the University courses which is evident in Table 5 may well be associated with changes in administrative policy relating to admittance to the University and the teacher-training colleges. The decline in attendance at teacher training colleges which is evident appears to coincide with a period in which the entry requirements were made as onerous as those obtaining for entry to the University. If this is true then many of those who might otherwise have attended a normal course would have been drawn into the Universities for which the entrance requirements were now no greater but the educational gain considerably higher; while others who were unable to meet the new requirements went instead to technical and commercial courses to which admittance was easier. At the end of the period, that in which the youngest group of fathers was entering the higher education levels, the position was again changed. University entrance was made more difficult, while special campaigns and the creation of new teacher training colleges drew the attention of young people to the possibility of teacher training courses. (2) This reorganisation, occurring at the time when the youngest fathers were seeking further education, may well have brought about the final situation which is summarised in Table 5.

- 
- (1) Rather more than one-third of the fathers of University students were born abroad: Hutchinson, B., "The Socio-Economic Origin of São Paulo University Students", Table 3, Educação e Ciências Sociais, 1, No. 3, 1956
- (2) For a discussion of the various administrative policies in São Paulo relating to teacher-training courses the work of Carlos Corrêa Mascara should be consulted: Exames Vestibulares nas Escolas Normais, Caderno No. 8 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1955; and O Ensino Normal no Estado de São Paulo, Caderno da Faculdade No. 10, 1956. The latter work in particular does much to explain the increase in the proportion of the youngest fathers who attended a teacher-training course and shows clearly how great was the growth in the number of escolas normais in 1925 and the years that followed. On the other hand, evidence which might explain the dramatic falling-away in the popularity of the escola-normal in the middle period is not so easily found.

Father's Education in relation to that of the Grandfather

We expressed earlier the idea that each generation in turn had established, for a given family, the "habit" of formal education. Expressed more specifically, and in the form of a question, : Does the educational experience of the father influence profoundly that of his son? Conversely, how far is each generation's access to education free and how far is it influenced by family origin? In so far as the influence of the father's educational experience is concerned, it must be remembered that the few comments we can make here are of special rather than general application since we are dealing with an atypical group of the population - the relatives of University students. Moreover, in as far as the students are by no means uniformly the sons of University-trained fathers, the problem is clearly not a simple one. Any verdict which makes even a tentative claim to finality must await conclusions of wider application drawn from material relating to the population generally. (3) Nevertheless, the limited data arising from the present study seem significant.

TABLE 6

Father's Primary and Secondary Education  
in relation to that of the Grandfather

Father	Grandfather					
	Primary School		TOTAL	Secondary School		TOTAL
	Attended	Not attended		Attended	Not Attended	
	%	%	%	%	%	%
Attended	93.0	7.0	100.0 (673)	63.5	36.5	100.0 (394)
Not attended	40.0	60.0	100.0 ( 20)	13.2	86.8	100.0 (277)

(3) It is hoped that the study of education and social mobility which the present writer and his collaborators are conducting in the city of São Paulo will provide material on which such general conclusions can be based.

The implication of Table 6 is clear: the father's chances of gaining either primary or secondary education were very much greater if the grandfather had himself enjoyed such an education than if he had not. It must be supposed that factors other than merely educational ones (and including, for example, the social and economic status of the grandfather) are important ingredients in this relationship. On the other hand, family habit or tradition - or possibly the demands of a family business - seem to influence the form which further education takes. For it is not only more likely that a father will have taken a course of post-secondary education if the grandfather had done so than if he had not: the nature of the course itself is related to that of the grandfather. This relationship is most clearly observed if we consider separately those courses of further education which were completed and resulted in diplomas.

TABLE 7

Father's post-secondary diplomas in relation to those of the Grandfather

Father's Diplomas	Grandfather's Diplomas					
	1. University	2. Technical	3. Others	4. None	5. No information	6. TOTAL
University	64.1	83.3	35.0	15.8	21.7	23.7
Technical	1.6	16.7	-	5.7	4.7	4.9
Others	6.2	-	20.0	5.4	8.0	6.9
None	26.6	-	45.0	71.3	59.1	61.0
No Information	1.5	-	-	1.8	6.5	3.5
TOTAL	100.0 ( 64)	100.0 ( 6)	100.0 ( 20)	100.0 (334)	100.0 (276)	100.0 (700)

In Table 7 we may regard the percentage distribution set out in column 6 as the "expected" distribution for each of the columns 1-5. In other words, if the type of diploma possessed by the father (or by one of one) were entirely unaffected by the type of diploma the grandfather had, then the percentage distribution in each of the columns 1-5 would

be the same as that in column 6. This is clearly not the case. Yet while the percentage distributions are often widely at variance with that in column 6 they are not entirely random. It is almost uniformly the case that when the observed frequency exceeds significantly the expected it indicates a relationship between the type of diploma held by the father and the grandfather. For example, if there were no association between the fact that the grandfather had a University diploma and the chances that the father would also obtain one, then 23.7 per cent. of the sons of University-trained grandfathers would themselves have University diplomas. In fact, 64.1 per cent. of these sons had University diplomas, or nearly three times the expected proportion. It will be seen that, in Table 7, there are, for every type of diploma, greater chances that the student's father will possess such a diploma if the grandfather had the same than if he had not; while the fact that the grandfather had no diploma makes it significantly more probable that the student's father also will not possess one. In short, as far as these two generations are concerned it seems clear that educational opportunity is unevenly distributed, and weighted at each level of education in favour of those whose family shows a history of such educational experience. Whether this conclusion can be projected on to the general population is a question which must await the results of further research. It must be remembered, however, that the relationship which seems to emerge from the present study is not necessarily a simple one. It is unlikely, for example, that a mere family tradition of University education will be effective in gaining such an education for a given individual in the absence of the economic resources to pay for it. The influence of economic factors may well be present in the fact that the length of time fathers spent in the secondary school was curtailed in cases where the grandfather had not himself had such an education (in such cases the student's father spent a median of 4.2 years in secondary education, compared with 5.75 years where the grandfather had also had a secondary education).

#### Education in relation to socio-economic status

We may examine more closely the effect of class status upon



educational experience in respect only of the middle generation - that of the student's father. A socio-economic scale consisting of six categories of descending status, based upon the subject's occupation, was adopted from a recent British study and verified as being applicable to the São Paulo population. (4) The six categories were as follows:

- A. Professional and high administrative occupations
- B. Managerial and executive.
- C. Higher grade inspectional, supervisory and other non-manual occupations.
- D. Lower grade inspectional, supervisory and other non-manual occupations, including routine grades of non-manual.
- E. Skilled manual occupations.
- F. Semi-skilled and unskilled manual occupations.

It was the intention to rate the occupations of the student's father and grandfather according to these categories, thus arriving at a rating according to social status. In the event, however, insufficient information was obtained from a large proportion of the subjects to enable the more refined rating according to six categories to be made. In the analysis which follows, therefore, three categories only of social status have been used, and are referred to respectively as Upper (combining categories A and B), Middle (categories C and D) and Lower (categories E and F). These categories have made possible two principle analyses of the data, the first showing the relationship between the student's father's educational attainment and the social status of the grandfather, and the second showing the association between educational attainment and the ultimate social status of both father and grandfather. In the first case, that is, we shall see how far educational attainment of the child is

---

(4) For a description of the method and a presentation of the results of this verification see Hutchinson, B., "Hierarquia de prestígio das ocupações, segundo os estudantes universitários", Educação e Ciências Sociais, I, No. 2, 1956, 29-41; and Castaldi, C., "A classificação das ocupações quante ao prestígio social entre um grupo de emigrantes italianos e seus descendentes na cidade de São Paulo", Educação e Ciências Sociais, I, No. 3, 1956.

is influenced by parental status. In the second we shall examine the degree to which attained social status is associated with the individual's level of education.

TABLE 8

The proportion of fathers attending primary, secondary and other courses, in relation to the grandfather's status category

COURSES	Grandfather's status category			
	Upper (202)	Middle (289)	Lower ( 73)	No Information (136)
	% attending	% attending	% attending	% attending
Primary School	98.0	96.5	93.2	94.1
Secondary School	72.8	52.9	35.0	51.8
Post-secondary and other courses	52.4	33.6	27.4	15.0

It is evident from the data assembled in Table 8 that there exists a clear and regular association between father's education and grandfather's status category in the sense that the lower the grandfather's category the less chance that the father followed any of the three types of formal education specified. It will be seen that even in the case of primary education the proportion who did not attend a primary school is more than three times as great among the sons of Lower than of Upper category grandfathers. The proportion taking secondary courses and post-secondary (and "other") courses among the sons of Upper category grandfathers is twice as great as among sons of grandfathers of Lower category. A similar tendency is evident in Table 9, which shows that proportion of fathers possessing post-secondary diplomas, whether University or not, is closely associated with the status category of the grandfather.

TABLE 9

The proportion of fathers possessing post-secondary diplomas, in relation to the grandfather's status category.

Type of Diploma	Grandfather's status category			
	Upper (202)	Middle (289)	Lower ( 73)	No Information (136)
	%	%	%	%
University	35.6	17.6	15.1	23.4
Técnico	5.0	4.8	5.5	4.4
Other	6.9	7.3	9.6	4.4
None	50.5	66.8	68.5	60.6
No information	2.0	3.5	1.4	7.3

The difficulty of isolating one factor in the situation (in a sample of no more than 700 individuals) makes it impossible to determine exactly the role of family educational tradition and that of socio-economic status. Clearly these two factors must be fairly closely associated, and the data presented in Tables 6 and 7 must be interpreted in this light, as we foresaw. Parental status naturally determines a child's educational level, irrespective of the parent's own education. At the same time it is not the case that status is immutable: not all grandfathers from the Upper category had sons who remained at the same status level, and grandfathers from the Lower category had sons who moved upwards to the Middle and Upper categories.

#### Social mobility

From the data obtained in the course of the investigation it is possible to arrive at a preliminary analysis of the extent of social mobility between the grandparental and the parental generations (a more complete study of the problem must await the completion of the general study of social mobility in São Paulo). A general view of the data on

social mobility is presented in Table 10. This summary Table presents the material in two ways. The horizontal rows show the proportion of fathers who remained in, or moved out of, the status category of the grandfather. Thus, it will be seen that 57.8 per cent. of fathers who were "born into" the Upper category remained in it, while 32.9 per cent. moved to the Middle and 8.3 per cent. to the Lower categories. The vertical columns, on the other hand, show the proportion of fathers in each of the status categories who were in the same category as the grandfather. For example, 53.4 per cent. of the fathers who were in the Upper category were in the same category as the grandfather, while 38.9 per cent. were the sons of Middle and 7.7 per cent. the sons of Lower category grandfathers. Finally, by reading across the diagonal from left to right the proportion of fathers who remained in the same status category as the grandfather will be seen; and it is clear that this happened least frequently where the grandfather was in the Lower status category.

TABLE 10

Father's Status Category in relation to that of the grandfather

Grandfather's Status Category	Father's status category						TOTAL
	Upper		Middle		Lower		
Upper	53.4	57.8	25.8	32.9	20.5	8.3	100.0 (202) 35.9
Middle	38.9	29.9	64.1	57.6	43.4	12.5	100.0 (288) 51.2
Lower	7.7	23.2	10.1	35.6	36.1	41.1	100.0 ( 73) 12.9
TOTAL	100.0 (221)	39.2	100.0 (259)	46.0	100.0 ( 83)	14.7	100.0 (563)

In other words, Table 10 appears to show that the grandfather's status is maintained more frequently in the Upper and the Middle categories than it is in the Lower, where movement to other (and hence higher) categories is most evident. This is shown in a somewhat clearer manner in Table 11, which shows an almost constant proportion of fathers retaining the same status category as the grandfather in the Upper and Middle categories, while a significantly large proportion of fathers of Lower origin moved to a different level. The analysis is less detailed than is desirable, due to the necessity of using only three categories rather than the six that were planned, so that only one category, the Middle, has the opportunity of moving in either an upward or a downward direction. Nevertheless, looking at the group of students' fathers as a whole, it seems that 55.8 per cent. retained the status of the grandfather, 22.9 per cent. rising to a higher category and 21.3 falling to a lower.

TABLE 11

The proportion of fathers who were of higher or lower status than the grandfather.

Grandfather's Status Category	Father's Status Category			TOTAL
	Higher	Same	Lower	
Upper	-	58.4	41.6	100.0 (202)
Middle	29.9	57.6	12.5	100.0 (288)
Lower	58.8	41.1	-	100.0 (73)
TOTAL	22.9	55.8	21.3	100.0 (563)

However, this simple way of looking at vertical mobility is significant only in that from it we gain a general idea of the degree of social movement from one category to another. This view is a partial one because the circumstances in which the changes took place are not considered. During the whole of the period covered by the statistics Brazil, particularly in the south, was undergoing economic expansion. The rate of expansion no doubt varied from time to time, but the tendency remained,

and with it came increased opportunities for employment. That is to say, there were greater opportunities in economic fields already in existence, and there were entirely new economic developments which gave opportunities of (for Brazil) an entirely novel kind. Moreover, this state of affairs, must be considered in conjunction with the fact that the grandfathers of many students, being immigrants, were individuals whose families would be particularly liable to manifest vertical mobility. In other words, social mobility depends as much upon the opportunities that exist in the socio-economic situation as upon the personal and educational characteristics of individuals. That is, if there exist more opportunities for new members of a given status category (as, for example, through the expansion of industry) then upward mobility to this category will, other things being equal, be greater than to a category in which the opportunities are unchanged, or are reduced, from one generation to another. Consequently, we must regard the distribution of the sons among the three categories as a reflection of the opportunities in each category which were available to them. In short, then, in considering social mobility the simple distribution of Tables 10 and 11 are not sufficient. Another method of analysis must be used which takes

into account variation in opportunity, and arrives at an estimate of the relative mobility in one status category in comparison with another. (5)

One way of doing this is by means of an Index of Association between parental and filial status, which is based upon the concept of "perfect" mobility - that is, by postulating that a father's chance of reaching a given status category is independent of the status category of the grandfather. Thus, when the calculated Index of Association is greater than unity it shows that more subjects are in their father's status category than would be expected. Moreover, the higher the Index of Association the greater the degree of self-recruitment, or maintenance of parental status, in a given category. This index has been calculated in respect of the grandfathers and fathers of students (Table 12).

TABLE 12

Indices of Association between the status category of students' fathers and grandfathers.

Grandfather's Status Category	Indices of Association (*)
Upper	1.488

Grandfather's Status Category	Indices of Association (*)
Upper	1.488
Middle	1.253
Lower	2.788

(\*) The chi-square test shows all the indices to be significantly different from unity.

(5) See "A Note on the Analysis of Social Mobility," by R. H. Hensler and J. H. Hall in *Social Class* (Ed. David Glass), London, 1954, pp. 218-259. Reference is made in this article to the earlier work in the field by R. Menini, G. Brewster, L. Mivi and H. Rogoff.

The use of the Index of Association obliges us to reach a conclusion which is very different from that suggested by the data presented in Tables 10 and 11. It will be seen that the highest value of the Index occurs when the grandfather was of Lower status. That is, in relative terms vertical social mobility is less common among fathers of Lower origin than it is among those of either Middle or Upper origin, and that maintenance of parental status is most marked in the Lower category than in any other. This is the contrary of the earlier conclusion which, based as it is on a simple percentage distribution, appeared to show the highest degree of mobility among the Lower category. With the calculation of the Index of Association it becomes clear that the highest relative mobility is found in the Middle category - understandably enough since it is the only category which has opportunity of either rising or falling in social status.

#### Social Mobility and Education

We turn now to a consideration of the association between social mobility and educational attainment. We have already seen (Table 8) that educational attainment is closely related to paternal social status, in the sense that the higher the grandfather's status category the more education the student's father was likely to have had. It can also be shown (although for the sake of brevity the relevant statistics are not included here) that the student's father's own status category is closely related to his educational level. However, this does not make it possible for us to isolate the effect of education in determining social status, since there is a high correlation between the grandfather's status, the father's status and the father's education. The only way in which the effect of education upon social status can be determined is by relating the father's status to that of the grandfather, and subsequently to analyze the educational attainments of those who retained, and of those who moved out of, the status category of the grandfather. In this way it can be shown, for example, to what extent those who fell from the status into which they were born were less educated than those who retained it, or moved to a category above.

In Table 13 such an analysis has been made of those who were the



sons of Upper category grandfathers. Reading across the horizontal rows the influence of education is immediately evident. Thus, of those student's fathers who (though born into the Upper category) had only a primary education, 42 per cent. were able to retain the parental status. At the other extreme, of those who had a University education 84.6 per cent. remained in the Upper category. In other words it seems clear that, so far as those born into the Upper status category is concerned, success in retaining this status depends to a very considerable degree upon the support of a University education. Neither primary nor secondary education alone has an equivalent effect, although it is noteworthy that none of those who had no education at all were able to retain the parental status.

TABLE 13

The attained status category of the student's father (although born into the Upper category) in relation to his education.

Education	Attained Status Category			TOTAL
	Upper	Middle	Lower	
None	-	66.6 (*)	33.3 (*)	100.0 ( 3)
Primary only	42.0	44.0	14.0	100.0 ( 50)
Primary and Secondary	43.5	44.9	11.6	100.0 ( 70)
Primary, Secondary and University	84.6	14.1	1.3	100.0 ( 79)
TOTAL	58.5	33.0	8.5	100.0 (202)

(\*) These percentages are included merely to illustrate further the trend visible in the remainder of the Table. The small base upon which they are calculated should be borne in mind.

In order to emphasise the significance of these conclusions the material has been arranged in a different way (Table 14), showing the educational attainments of father's who retained, and those who fell

from, the grandfather's status category. Looking first at the effect of a University education we see that 56.5 per cent. of those who remained in the Upper category had been to a University, compared with 16.8 per cent. of those who fell to the Middle and 5.9 per cent. of those who fell to the Lower category. In the case of secondary education the division is noticeable at one point only - that is, a much greater proportion of those who fall from the Upper category than of those who remain in it had only a secondary education, although there is no difference in this respect between those whose destination was the Middle category and those who moved to the Lower. On the other hand, the negative effect of a solely primary education (as of having had no education at all) is shown by the marked tendency for the proportion with this low educational attainment to increase with each descent in the status scale.

TABLE 14

The educational attainment of the student's father (born into the Upper status category) in relation to his attained status category

Education	Attained Status Category			TOTAL
	Upper	Middle	Lower	
None	-	3.0	5.9	1.5
Primary only	17.9	33.3	41.2	25.0
Primary and Secondary	25.6	46.9	47.0	34.5
Primary, Secondary and University	56.5	16.8	5.9	39.0
Total	100.0 (118)	100.0 ( 67)	100.0 ( 17)	100.0 (202)

The obverse of this picture will be seen if we examine the relationship between education and social status among those students' fathers who were of Lower category origin. While up to this point we have been

concerned with the significance of educational level in facilitating the retention of the status into which the student's father was born, we must now discuss its importance in attaining higher social status.

An analysis made on lines similar to the one we have been discussing, though in this case concerned with fathers who were the sons of Lower category grandfathers, shows quite clearly a high correlation between schooling and upward social mobility (Table 15). Individuals of Lower category origin but with a University education without exception moved to a higher category, the overwhelming majority to the Upper status group. This confirms emphatically the supreme importance of University training in determining membership of the Upper status category which was evident in the previous analysis. In the present case, however, the importance at lower levels of other types of educational attainment is more evident than before. Thus, while rather less than half of those who had only a primary education moved up to the Middle and Upper categories, nearly three-quarters of those with a secondary education rose in status; and it is noticeable that a considerably larger proportion of the latter group were able to attain Upper status.

TABLE 15

The attained status of the student's father  
(although born into the Lower category) in  
relation to his education.

Education	Attained Status Category			TOTAL
	Upper	Middle	Lower	
None	-	(*) 33.3	(*) 66.6	100.0 ( 3)
Primary only	12.8	36.1	51.1	100.0 ( 47)
Primary and Secondary	20.0	53.3	26.7	100.0 ( 15)
Primary, Secondary and University	87.5	12.5	-	100.0 ( 8)
TOTAL	21.9	37.0	41.1	100.0 ( 73)

(\*) These percentages are included merely to illustrate further the trend visible in the remainder of the Table. The small base upon which they are calculated should be borne in mind.

These conclusions are lent support by a re-arrangement of the material in the converse sense, as was done with the data relating to the sons of Upper category grandfathers. The majority of those who were born into and remained in the Lower category were those who had had either no education at all, or had reached only the primary level. Among those who moved up to the Middle status category nearly one-third had reached secondary school standard, while of those who succeeded in reaching the Upper category nearly one-half were University graduates (Table 16).

We are therefore led to conclude that, so far as the student's father's generation is concerned, education was a highly significant factor in determining social status, and hence in bringing about vertical social mobility. A good education made it more likely that a man born into the Upper status category would stay there, and more likely that a man born into the Lower category would move out of it. On the other hand, it is also clear that a considerable proportion of those born into either category were unaffected by educational attainments. Many, for example, rose from the Lower to the Upper category despite the fact that they had had only a primary education, just as some who had had a secondary or a University education fell from the Upper to the Middle or the Lower categories. Obviously it is easy to account for this in terms of differences in personality, opportunity and personal circumstances. Nevertheless, our material (and especially that concerning University education) does much to confirm the central importance of educational attainment as an instrument in social ascent, and to diminish the significance of mere inheritance of parental status. Of course, educational attainment is inversely related to parental status, so that the children of Lower category parents have less chance of obtaining the education that would enable them to reach the higher status levels than have the children of Upper category parents. In existing circumstances this inverse relationship is crucial. But it is clear that, with the extension of educational opportunities to a continually increasing proportion of the population social mobility will become more extensive, and the inheritance of social status less important.

TABLE 16

The Educational attainment of the student's father (born into the Lower status category) in relation to his attained status category

Education	Attained Status Category			TOTAL
	Upper	Middle	Lower	
None	-	3.7	6.7	4.1
Primary only	37.5	62.8	80.0	64.4
Primary and Secondary	18.8	29.6	13.3	20.5
Primary, Secondary and University	43.8	3.7	-	11.0
TOTAL	100.0 ( 16)	100.0 ( 27)	100.0 ( 30)	100.0 ( 73)

Geographical Mobility

We have seen that there was a considerable degree of vertical social mobility as between the parental and grandparental generations in students' families. It is possible to show also that social mobility has a parallel in geographical mobility, although the number of persons concerning whom we have information is too small to permit a further analysis designed to demonstrate a possible association between the two types of mobility. It is highly probable, however, that such an association exists at all status levels, particularly in respect of international migration and of rural-urban internal migration. In Brazil, as elsewhere, the effect of education itself is to divert the interest of the pupil away from the rural areas and the small town to the bigger cities where learning and skill may be utilised to better advantage, for until very recently school curricula were (and very largely still are) urban products drawn up with an urban bias. Moreover, for a number of reasons the way to higher social status is more easily found in the cities than in the country and the country town. During periods of rapid industrial and commercial

expansion such as the south of Brazil has experienced in recent decades, carrying with it the emergence of novel fields of work hitherto completely non-existent, the possibilities of mobility are redoubled. The result has been an increasing urbanisation of the Brazilian population during the present century.

The majority of the students themselves were born in the city or the state of São Paulo. To bring this about, however, a considerable amount of geographical mobility within the student's family had taken place over the two preceding generations. This is clear from the figures relating to the father's and the grandfather's birthplace, which show that the proportion born in the city or state of São Paulo rose in succeeding generations from 16.4 per cent. (grandfathers) to 45.2 per cent. (fathers) and finally to 80.6 per cent. among the students' own generation. In contrast to this, the proportions who were born abroad diminished over time from 61.8 per cent. of the grandfathers, 36.3 per cent. of the fathers, to no more than 6.8 per cent. of the students. Such geographical mobility becomes even more evident from the figures relating to intra-generational movement. If we compare, for example, the student's father's birthplace with his place of permanent residence at the time of interview (or at the time of his death) it appears that, the majority of fathers had moved away from the region of their birth to the state or, more often, the city of São Paulo (Table 17).

TABLE 17

Student's father's place of birth in relation to his place of permanent residence at the time of interview or at his death.

Region of Birth	S. Paulo (city)	S. Paulo (state)	Sul	Centro	Centro-Oeste	Nord-Este	Norte	Exterior	TOTAL
S. Paulo (city)	91.8	5.9	1.2	1.1	-	-	-	-	100.0 ( 85)
S. Paulo (state)	56.8	41.5	0.9	0.4	-	-	-	0.4	100.0 (229)
Sul	56.2	-	25.0	12.5	-	-	6.3	-	100.0 ( 16)
Centro	47.1	22.1	1.5	29.3	-	-	-	-	100.0 ( 68)
Centro-Oeste	33.3	33.3	-	-	33.3	-	-	-	100.0 ( 5)
Nordeste	46.1	15.4	-	-	3.8	34.6	-	-	100.0 ( 26)
Norte	50.0	16.7	-	-	-	-	33.3	-	100.0 ( 6)
Exterior	66.8	21.5	2.8	3.3	-	-	-	5.6	100.0 (252)
TOTAL	63.2	25.6	2.2	4.7	0.4	1.3	0.4	2.2	100.0 (688)

II

We turn now to a discussion of students' opinions concerning certain aspects of University education, its functions and its failures. It will be important to bear in mind in the interpretation of the material now presented that as many as 75 per cent. of the students interviewed expressed dissatisfaction or disappointment with their experience at the University of São Paulo. This dissatisfaction was slightly more widespread among women students than among men, but it persisted with little

alteration whatever the social status category from which the student came. In other words, therefore, the University is not at present providing the sort of education which, in the opinion of its students, it ought to be providing. It is not our present purpose to make any final judgement as to the justice or otherwise of the opinions voiced by the students. At the same time, whether just or unjust, these opinions have their intrinsic interest in any examination of the existing system of education in Brazil. It will be useful, then, to examine first some of the functions which students believe that a University education should fulfil.

Students' expectations from the University.

The idea of a University as a place where for the pursuit of knowledge for its own sake irrespective of its practical value is suffering defeat throughout the world at the hands of those who regard the University as a superior technical or vocational training centre. No doubt the liberal attitude to University studies is one which can persist only in certain socio-economic circumstances which have occurred rarely in world history. However this may be, in Brazil as in Great Britain, the United States and elsewhere, the emphasis appears to be falling upon the concept of the University as a vocational training centre, while education 'for its own sake' is becoming less important to the average student. Among the students of the University of São Paulo only one in six regarded it University education as an end in itself. In contrast, a quarter regarded it solely as a preliminary to a career, the remaining half mentioning vocation in conjunction with a general culture. How far this apparent, though minority, desire for disinterested study is sincere and how far mere lip-service to antique though familiar values is difficult to say, although it was noticeable that those who were studying "for its own sake" were slightly less often dissatisfied with the University than those who looked upon it as a training for a career. A clearer picture of students' expectations from a University education is revealed by informants' own answers to the question "Quais são as principais coisas que deseja conseguir do curso universitário?". A large proportion mentioned pure education and culture as an objective, but this was nearly always mentioned in combination with other, usually vocational, goals (Table 18). Such vocational objectives were mentioned by more than



three-quarters of the students, some referring merely to "a career", or "profession", others extending their comments more specifically to "economic security", "a good job" and "more money".

TABLE 18  
Students' objectives in University education

Objective	Percentage of students <sup>(*)</sup>
Culture, education, knowledge	59.4
Specialism, professional training	58.0
Economic security, a good job, etc.	21.0
A diploma	13.5
Social position, prestige	7.0
Usefulness to community	2.8
Total	100.0 (700)

(\*) An informant often mentioned more than one objective. The total of percentages is therefore greater than 100.

Only a small proportion (7 per cent.) referred spontaneously to the possibility of improving their social status or prestige although, as we shall have occasion to mention subsequently, informants were almost unanimous in their belief that University education does in fact serve to raise social status. This raises the question of the degree of importance which students attach to the several objectives they mentioned. In order to obtain at least preliminary data on this problem informants were asked to rank in order of importance to themselves five advantages which might be expected to accrue from a University education. These suggested advantages were: a better-paid job, knowledge and understanding, social prestige, friendship, and a more interesting occupation. The results of this test showed that knowledge and understanding was most often placed in the first position, (that is the position of greatest importance) while social prestige was most often placed in the fifth or least important position. On the other hand, with the possible exception of "knowledge and understanding" (which 73.5

per cent. of informants put in first place of importance) there was a considerable degree of disunity in judging importance. This can be seen from the mean deviation (Table 19). It is note worthy also that while virtually none of the students mentioned "friendship" spontaneously in the earlier question in which they were asked to describe their objectives in taking a University education, as many as 17.6 per cent. ranked it subsequently in first or second place of importance. This in itself appears to raise a certain doubt as to the validity of the two methods used. The results of the ranking procedure, however, show the five suggested "advantages" of University education ranked as follows (based upon median judgement) : knowledge and understanding in first rank; a better-paid job and a more interesting occupation sharing third rank; friendship, fourth, and social prestige fifth. In the light of the material presented earlier we are left in little doubt as to the great, if not the dominant, importance which is attached to the vocational aspects of University training, although there remains a widespread,

TABLE 19

The order of importance in which students ranked certain suggested "advantages" of a University education

Suggested Advantage of University Education	Median Judgement	Mean Deviation	RANK					TOTAL
			1st %	2nd %	3rd %	4th %	5th %	
Knowledge and understanding	1	0.447	73.5	13.9	8.3	3.0	1.3	100.0 (676)
Better-paid job	3	0.948	10.1	27.9	27.6	21.9	12.4	100.0 (662)
More interesting job	3	1.024	12.2	34.9	23.3	16.3	13.3	100.0 (654)
Friendship	4	0.854	1.2	16.4	28.4	33.5	20.5	100.0 (645)
Social prestige	5	0.883	3.3	8.2	13.2	24.3	51.0	100.0 (645)

(perhaps only verbal) support for the older view of the University as a source of learning for its own sake. As might be expected, however, the importance of the vocational aspects of University education varied according to the social status of the student himself. This is made clear by the proportions placing "better-paid job" in first or second place of importance. Students of Upper status were less inclined to ascribe importance to this than were those from other categories, the actual Percentages placing "better-paid job" in first or second place being 33.4 (Upper category), 37.5 (Middle category) and 51.9 (Lower).

In our earlier discussion we were able to show that a University education is crucial both in retaining Upper status and in facilitating vertical mobility from lower to higher status categories. This confirms the students' own views, for 97 per cent. of the informants agreed that a University education does in fact facilitate upward social mobility. On the other hand, not all of these thought this function of a University course an "important" one. Nevertheless the ranking of social prestige in the last position (Table 19) must be seen in the light of the fact that nearly 70 per cent. of the students consider it a significant factor, a proportion which showed little tendency to change according to sex or even according to social status. Moreover, it was interesting that whether or not the informant subscribed to the "importance" of University education in this respect made very little difference to its ranking in the five-point scale discussed above.

The general tendency of this material suggests the possibility that students think of the advantages of University education, not as separate entities, but as a whole in which the various factors are inextricably mixed. The close relationship between degree of education, responsibility and interest of employment, size of income and social status is evident throughout our discussion. In this interrelationship the key factor seems to be a specialised, or semi-specialised, education which according to its thoroughness and practical value will automatically open the door to well paid and interesting employment of high social prestige.

#### Criticism of University Teaching

Contrary to expectation, however, the specific criticism and suggestions which students made were by no means wholly centred (except, perhaps, by implication) on the practical shortcomings of University courses.

Indeed, the most common criticisms were directed at alleged inadequacies in the teaching staff of the University, coupled with suggestions for their better selection in the future. On the other hand, we can only judge of the nature of their shortcomings (that is, in what way the staff were supposed to be bad teachers) from the other suggestions for improvement made by the students. These seemed to fall into two main categories. First, there are criticisms directed to the curricula in general or to specific aspects of them - this, naturally, including suggestions for reforming the curricula to make them more "practical" or "applied". Second, there is a broader category of criticism related to the University milieu - teaching staff selection, student selection, teaching equipment, number and length of classes, contact between students and teachers, etc. While firm conclusions are not possible from the data available, it seems probable that the dominant complaint which students wished to express concerns what they believe to be the inadequacy of the University teaching staff, arising first from their unwillingness or inability to offer "practical" or "vocational" courses of study, and secondly from their alleged unwillingness to give personal attention and help to students, or to treat them as "undergraduates" rather than as "schoolchildren".

TABLE 20

Students' suggestions for the improvement  
of University courses

Suggestions for improvement	Percentage of students (*)
	(n = 700)
Escolha mais adequada, melhor, de professores, etc. Melhoria de corpo docente	26.4
Mais trabalho prático; ensino mais prático, etc.	22.7
Maior contacto entre professores e alunos; maior assistência por parte dos professores	17.1
Reforma do currículo; melhor distribuição de materias, etc.	11.8
Diminuir o numero de materias - o periodo de aulas, etc.	6.3
Aumentar o número de anos de curso; aumentar o número de aulas	6.0
A Universidade deveria facilitar os estudos: concedendo bolsas, dando trabalho na própria Universidade	6.0
Melhor base secundária; mais preparo para os vestibulares	4.2
Modificação do regimento das faculdades: só exames orais; o sistema de promoção deve ser modificado, etc.	4.2
Maior especialização	4.1
Melhoria das condições materiais: salas, equipamento, laboratorios	3.7
Criar a Cidade Universitária	2.0
Eliminar a frequência obrigatória; revisão no conceito de frequência	1.6
Mais formação humanística, geral, cultural, universitária	0.3

(\*) An informant often gave more than one suggestion. The total of percentages is therefore greater than 100.

The fact that these were spontaneous suggestions, and not replies to prompted questions, leaves us in little doubt that, whatever may be the justice of their complaints concerning the University teaching body, the belief that teaching is inadequate is widespread among the students. And because University training is usually looked upon as vocational training the shortcomings which are particularly noted are those which are believed to result in inadequate technical skill (it is noteworthy

that only 0.3 per cent. of the students wished for "mais formação humanística, etc."). It is likely that the proportion of students who feel this inadequacy of training will vary according to the Faculty in which they are working, although it was not thought desirable to undertake here any such invidious comparison: this must be left to one more intimately acquainted with the University and its problems.

### III

#### Summary

1. The paternal grandfathers of the University students interviewed were of a significantly lower educational attainment than succeeding generations, nor, among this group, was there a tendency for the degree of formal education to increase during the latter half of the 19th century. On the other hand, looking at primary education alone, it seems clear that such education was far more common among them than among the rest of the population. To this extent, therefore, it may be said that students' grandfathers were exceptional at a time when primary education in Brazil reached a far smaller section of the population than it does today.
- 2; A clear relationship appeared between the educational attainment of the grandfather and that of the father. That is to say, the father had a considerably greater chance of himself gaining a primary or secondary education if the grandfather had had such an education than if he had not. There was also a close relationship between the post-secondary diplomas of the father and the grandfather. In the case of University education, where the grandfather had a University diploma the chance that the father would have the same was almost trebled, and a similar weighting of educational opportunity was visible in the case of technical and other special training.
3. Students' fathers were in general of higher educational level than the grandfathers, and there appears a significant trend at all levels of formal education for educational attainment to improve steadily during the last twenty years of the last and the first twenty years of the present century. This was accompanied by an increase of almost one year in the average time spent in secondary education during the period under review.
4. To a large extent the relationship between the education of father and grandfather was a function of the grandfather's social status. That is to

may, there existed a regular association between the father's educational level and the grandfather's social status category, in the sense that the higher the grandfather's category, the higher the father's educational attainment.

5. There is evidence of a considerable degree of vertical mobility as between the grandparental and the parental generations. For example, more than 40 percent of fathers who were "born into" the Upper status category moved downwards to the Middle and the Lower categories. In contrast, of those "born into" the Lower category-nearly 60 per cent. moved upwards to the higher status categories. Overall, only 55.8 per cent. of the fathers remained in the same status category as the grandfather. In relative terms, however, social mobility was less common among those of Lower category origin than among those of Middle or Upper category origin.

6. Further analysis showed education to be a highly significant factor determining social status, and hence in facilitating vertical social mobility. A good education made it more likely that an Upper status man would retain his status, and more likely that a Lower status man would move upwards. Thus the majority of those fathers who were "born into" and remained in the Lower status category were those who had either had no education at all or had reached only the primary level; while fathers of Lower category origin who had a University education without exception moved to higher status, usually the Upper, levels.

7. Vertical social mobility appears to be paralleled by a considerable amount of geographical mobility as between the three generations. For example, only 16.4 per cent. of the grandfathers were born in the City or State of São Paulo, compared with 45.2 per cent. of the fathers and 80.6 per cent. of the students themselves. The sample studied was too small, however, to permit further analysis designed to show how far geographical mobility was associated with social mobility.

8. While considerable (and perhaps spurious) homage was paid by students to the idea of University education "for its own sake", the real importance of University training appears to be, for many students, its preparation for future careers. There was widespread realization among the students of the value of a University education in raising their social status, and considerable emphasis was placed upon its importance in getting a "better-paid" or "more interesting" job.

9; On the other hand, three-quarters of the students interviewed were dissatisfied with the University of São Paulo as they had found it. Their complaints most frequently concerned what they believe to be the present inadequacies of the teaching staff of the University, particularly in that the courses of study they give are insufficiently "vocational" or "practical". Many also wished for greater contact between students and staff, and a greater degree of personal assistance and help given to students.



Aspectos da educação universitária e status social em São Paulo

por

Bertram Hutchinson

No Brasil, como alhures, a formação universitária está associada a muitas ocupações de alto prestígio social, quando não é o único meio de acesso às mesmas. Além disso, para os que conseguem obtê-la, a educação universitária pode ser de importância capital no processo de mobilidade social ascensional, assim como pode reduzir a descida na escala social daqueles cujo status sem ela continuará a baixar. Por outro lado, é pouco comum encontrar-se uma universidade que não proceda a uma seleção rigorosa, antes de abrir suas portas às várias classes sócio-econômicas da comunidade a que serve. Essa seleção é, em parte, intelectual e educacional, mas, atua independentemente desses fatores, favorecendo as crianças originárias das classes sociais mais elevadas e prejudicando as das classes inferiores. Existe, naturalmente, uma relação bastante significativa entre a classe social e o nível educacional (e de certo modo, intelectual) que, até certo ponto, se levarmos em conta os objetivos educacionais da universidade, justifica esse processo de seleção. Resta, contudo, um resíduo de fatores sociais e econômicos que, embora tenham pouca relação direta com a habilidade intelectual, terão, provavelmente, igual importância no processo geral, em virtude do qual determinadas crianças ingressam em uma universidade, e outras não.

Entre os mais importantes desses fatores figuram as despesas diretas e indiretas de uma educação universitária, as quais subordinam ao rendimento dos pais as oportunidades de obtenção de tal educação, independentemente de capacidade intelectual. Nas últimas décadas, vem-se manifestando uma inquietação generalizada, em face a esse desequilíbrio na balança educacional. Muitos países decidiram-se a inaugurar ou a ampliar programas de auxílio financeiro a estudantes de futuro, programas esses que ofereciam uma série de fórmulas de remissão total ou parcial das taxas escolares, assim como bolsas de estudos que cobriam, total ou parcialmente, as despesas de manutenção do aluno. O efeito de tais programas, conquanto significativo, não foi,

de um modo geral, suficiente para eliminar definitivamente o antigo conceito de classe na seleção universitária. Na Grã-Bretanha, por exemplo, embora, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o número de auxílios e bolsas de estudos universitários se tenha multiplicado enormemente, a população universitária continua a ser predominantemente representada pelas classes média e superior, estando em minoria os estudantes oriundos das classes inferiores.

Convém lembrar, entretanto, que, na Grã-Bretanha, essas ocorrências se verificaram dentro dos limites de uma estrutura social relativamente estável. No Brasil, principalmente em São Paulo, assim como em outros territórios que estão sofrendo um processo, mais ou menos rápido, de desenvolvimento social e econômico, a situação é mais flúida. As linhas divisórias entre uma classe e outra nem sempre são bem nítidas, enquanto a mobilidade social, vertical, atinge proporções que, hoje em dia, raramente se observam na Europa. Trata-se, portanto, de uma situação em que se poderia esperar que a educação superior pagasse aos que a possuem, dividendos sociais e econômicos especialmente altos. É, pois, interessante, que, nessas circunstâncias de desequilíbrio social, a Universidade de São Paulo ofereça cursos que conferem diploma e para os quais as taxas escolares são reduzidíssimas ou totalmente suprimidas. A existência de uma Universidade "gratuita" destrói, pelo menos parcialmente, a base econômica da seleção dos estudantes, e pode ser um meio importante de facilitar a mobilidade social, ascensional. Neste artigo discutiremos alguns aspectos da educação universitária em São Paulo em sua relação com o status e a mobilidade social, tendo em vista o que os estudantes universitários nela procuram e dela esperam receber.

No século passado, o Brasil esforçou-se no sentido de estender a educação a todos os setores da população. Conquanto a distância que ainda nos falta percorrer, antes de atingir esse objetivo possa ser julgada pelo fato de que metade da população ainda é analfabeta, foram grandes os progressos realizados. É ponto pacífico, entretanto, que todos os brasileiros não têm igual oportunidade de receber, mesmo a mais rudimentar educação. Entre os fatores que determinam se uma criança será ou não educada, o local de sua residência provavelmente sobrepõe-se a todos os demais. A criança das zonas rurais tem muito menos oportunidade de receber uma educação formal do que a criança da ci-

dade. Nosso objetivo, aqui, é estudar algumas outras determinantes do nível educacional, na forma em que se manifestam no grupo especial - estudantes universitários e suas famílias - objeto do nosso estudo. Nos parágrafos seguintes, examinaremos, em termos cronológicos, as diferentes experiências educacionais de pais e avós de estudantes universitários, a fim de tentarmos demonstrar, especificamente, a proporção em que a educação formal se tornou mais acessível, de uma geração para outra. Examinaremos, também, até que ponto a experiência educacional do pai influencia o nível de educação que seu filho pode atingir, além de considerarmos a educação em relação ao status social de pais e filhos. Exporemos, a seguir, as provas de mobilidade social entre as gerações de pais e avós, o que nos permitirá considerar o estudante universitário contemporâneo como o herdeiro de interesses de classe adquiridos, ou como o ponto culminante de um processo de mobilidade social, vertical, que continua através de três gerações de sua família. Finalmente, abordaremos rapidamente a questão da mobilidade geográfica entre as gerações, a fim de verificarmos se a mobilidade social tem seu paralelo no fluxo do campo para a cidade, ou de uma região do Brasil para outra.

Na segunda parte, nossa análise diz respeito às opiniões do próprio estudante universitário. Tentaremos esclarecer os objetivos que os estudantes procuram atingir através da educação universitária e até que ponto acham que a Universidade está satisfazendo suas expectativas. Examinaremos, mais especificamente, as críticas dos estudantes com relação à universidade e as sugestões que oferecem para a melhoria do atual ensino universitário. Finalmente, procuraremos definir a importância, para o próprio estudante, da educação universitária, como um meio de atingir um status social mais elevado.

O material em que se baseia este estudo deriva de entrevistas com uma amostra de 700 estudantes da Universidade de São Paulo. Essa amostra foi organizada colecionando-se nomes, em intervalos regulares, das relações das diversas faculdades. Preparou-se outra lista, de maneira semelhante, para substituir a primeira, caso fôsse impossível encontrar-se alguns dos estudantes incluídos na primeira. Circunstâncias imprevisíveis impediram a conclusão das entrevistas dentro do período determinado e, em consequência, foi preciso prolongá-las por todo um log

go período de férias. Em vista disso, a segunda lista teve de ser usada muito freqüentemente, a fim de preencher os claros deixados pelos estudantes que se ausentaram da cidade durante as férias universitárias. A amostra que resultou constará, portanto, ligeiramente mais de estudantes que residem permanentemente na cidade de São Paulo, do que daqueles cujos lares estão localizados no interior do estado, sendo, portanto, uma amostra ligeiramente parcial.

## I

Podemos concluir que os estudantes universitários que constituíram o objeto de nosso inquérito, foram aqueles que, ao completar o curso, aproveitaram, ao máximo, os recursos educacionais que o Brasil tem a oferecer. Nesse sentido, portanto, servirão de base para a discussão da experiência educacional de seus pais e avós, que abaixo apresentaremos. De um ponto de vista educacional, o grupo de estudantes é mais ou menos homogêneo. Formarão seus parentes, educacionalmente falando, um grupo igualmente homogêneo: ou, em outras palavras, até que ponto o ingresso na Universidade independe, hoje em dia, do grau de educação da família dos candidatos?

### A experiência educacional do avô do estudante

Uma das dificuldades que enfrentamos ao analisar o material referente ao avô paterno do estudante, deriva da grande proporção de informantes, que não nos puderam fornecer dados por memorizados a respeito do avô. O resultado disso é evidente no Quadro 1, em que o nível educacional dos avós é bem mais baixo do que aquele que se obtém quando se omitem dos cálculos (coluna b) os indivíduos sobre os quais não possuímos informações. Tanto quanto pôde ser apurado, entretanto, não há razão para se supor que a ignorância a respeito da educação do avô, esteja associada a qualquer característica social ou econômica de importância para o fim que temos em vista. A análise seguinte limita-se, pois, aos indivíduos a respeito dos quais possuímos informações completas.

Quadro 1Sumário da Experiência Educacional do Avô  
Paterno do Estudante

Tipo do Curso	Frequenteram		Não Frequenteram		Sem in- forma- ção	Total	
	(a) %	(b) %	(a) %	(b) %	(a) %	(a) %	(b) %
Escola Primária...	60.4	92.0	5.3	8.0	34.3	100.0 (700)	100.0 (460)
Escola Secundária.	23.7	43.1	31.3	56.9	45.0	100.0 (700)	100.0 (385)
Educação Pós-Secu- dária (*) .....	23.9	31.9	51.1	68.1	25.0	100.0 (423)	100.0 (317)

(\*) Refere-se apenas aos avós que se sabe terem cursado a escola primária.

À parte a educação primária (que apenas uma pequena porção de avós não recebeu) o nível educacional geral, da geração de avós, é muito inferior ao dos estudantes. Embora não se possa dizer que o avô tenha, de alguma forma, estabelecido uma tradição de educação universitária para sua família (já que a proporção dos que obtiveram um diploma universitário não vai além de 15 por cento), é importante notar-se que a proporção de avós que receberam educação primária e secundária, está muito acima da média geral mesmo do Brasil atual. Parece, portanto, que o avô do estudante, embora de um modo geral, não tivesse uma educação tão completa quanto a de seu neto, pode ter criado para a família um hábito de educação formal fora do comum. Por outro lado é digno de nota que, ao se reorganizarem as informações de acordo com o ano de nascimento dos avós (Quadro 2), torna-se evidente que não há uma tendência significativa, na última metade do século 19 para que a educação formal, se torne mais comum. A proporção de avós, nascido no fim do século, que cursaram ou a escola primária ou a secundária não é muito maior do que a daqueles que nasceram no meio do século. A questão ainda fica mais complicada porque uma grande proporção desses avós nasceu no estrangeiro, e foi educada fora do Brasil, o que não nos permite situar essa geração dentro do mesmo ambiente educacional. Mais tarde, com o passar dos anos e a melhoria gradativa

do sistema educacional brasileiro veremos que é mais evidente a tendência para que a educação formal se torne mais comum na geração paterna. Do exame dos dados que agora nos interessam, parece provável que os avós dos estudantes estabeleceram um hábito de educação primária em uma época em que, no Brasil, isso era pouco comum, e pode ser que, nas gerações subsequentes, esse hábito se tenha estendido à educação secundária (pais) e, mais tarde, à Universitária (o estudante). Podemos concluir assim, que cada geração consolidou as conquistas educacionais da geração precedente, ao mesmo tempo em que realizava novos avanços para níveis mais elevados do sistema educacional.

### Quadro 2

Frequência de avós paternos em vários níveis da educação formal, em relação ao ano de nascimento do avô.

Ano de nascimento	Tipo do curso		
	Primário	Secundário	Pós-secundário
	% (n)	% (n)	% (n)
Antes de 1860	89.4 (66)	42.6 (54)	25.5 (47)
1860-9	91.1 (79)	44.1 (68)	30.4 (56)
1870-9	94.8 (96)	34.5 (87)	28.6 (77)
1880-9	84.9 (53)	35.4 (48)	27.8 (36)
1890-9	100.0 (10)	50.0 ( 6)	43.0 ( 7)

### Experiência educacional do pai do estudante

Embora o conceito de consolidação das conquistas educacionais seja reforçado pelo aspecto geral do nível educacional dos pais dos estudantes, o corolário do avanço para níveis mais altos, talvez não se confirme tanto quanto seria de esperar. Enquanto a frequência nas escolas primárias, na geração dos pais, quase atingiu uniformidade (pouco menos de 4% não receberam educação primária em comparação com 8% dos avós) a proporção que prosseguiu com estudos secundários, embora maior que a da geração precedente, não é bastante grande para sustentar qualquer idéia de uma "invasão" dos níveis secundários por parte de

famílias com bases já consolidadas na educação primária. O mesmo se aplica à educação pós-secundária que foi seguida por um número maior de pais do que de avós, mas que não revela um aumento de frequência, entre as gerações, digno de nota.

### Quadro 3

#### Sumário da Experiência Educacional do Pai do Estudante

Tipo do curso	Frequenteram	Não Frequenteram	Sem Informações	Total
	%	%	%	%
Primário	96.1	2.9	1.0	100.0 (700)
Secundário	56.3	39.6	4.1	100.0 (700)
Pós-Secundário	40.7	54.7	4.8	100.0 (673)

O fato de termos considerado a geração paterna como um grupo único, entretanto, dissimula certas diferenças significativas que, <sup>substitui</sup> entretanto, são reveladas quando se examina o material cronologicamente. O Quadro 4 é muito mais interessante, <sup>pois</sup> que mostra como o acesso a todos os níveis de educação, aumentaram, com o tempo, na própria geração paterna e não somente em comparação com a geração precedente. No decurso do período de 40-50 anos coberto pelo Quadro 4, a proporção de pais de alunos que obtiveram não somente educação primária como a secundária e pós-secundária, cresceu consideravelmente, sendo de cerca de 50% o aumento da porcentagem dos que cursaram escolas secundárias e, de mais do dobro, a dos que seguiram cursos superiores.

### Quadro 4

#### Frequência de pais em vários níveis da educação formal em relação ao ano de nascimento do pai.

Ano do nascimento	Tipo do curso		
	Primário	Secundário	Pós-secundário
	%	%	%
1889 ou antes (80)	92.5	41.3	21.2
1890-9 (173)	95.3	58.4	41.0
1901-9 (368)	97.5	58.8	42.1
1910-9 ( 58)	98.2	61.9	46.6

Tais cifras nada revelam, naturalmente, sobre a qualidade ou o conteúdo da educação proporcionada de um período para o outro. Todavia, não há dúvida que dentro do espaço de tempo abrangido pelo Quadro 4 houve um aumento paulatino, mas significativo, do tempo médio dedicado à educação secundária. Entre o começo e o fim do período em exame, houve um aumento de quase um ano no tempo consumido. Na escola secundária as pessoas nascidas em 1889, ou antes, apresentaram uma mediana de 4,66 anos, em comparação com 5,49 anos dos que nasceram no período 1910-1919.

Nota-se, portanto, uma tendência não somente para que uma proporção maior de pais mais jovens tenham tido qualquer tipo de educação formal em relação aos mais velhos, como também para que cada membro do primeiro grupo a tenha tido mais extensa.

É no material referente à educação pós-secundária dos pais que encontramos os reflexos de várias mudanças sociais, econômicas e administrativas que se processaram no Brasil, principalmente em São Paulo. Especialmente interessante é o aumento acentuado, que se verificou no período de 40-50 anos, na proporção de pais que seguiram cursos técnicos, sem dúvida em consequência da transformação do padrão econômico de São Paulo e da crescente procura, por parte das indústrias em processo de desenvolvimento na região, de técnicos experimentados. Assim, entre os nascidos em 1889 e antes, apenas um pai em 16 havia seguido um curso técnico em comparação com cerca de 1 em 4 nascidos entre os anos de 1910 e 1919 (Quadro 5).

#### Quadro 5

Tipos de Cursos pós-secundários frequentados pelos pais em relação ao ano de nascimento do pai

Ano do nascimento	Tipo do curso (*)					
	Comercial	Técnico	Normal	Universitário	Outros	Sem In-formações
	%	%	%	%	%	%
1889 ou antes	17.6	5.9	88.3	53.0	-	-
1890-9	5.6	8.5	2.8	69.0	21.0	1.4
1900-9	13.4	7.8	0.7	66.6	10.6	0.7
1910-9	9.1	22.7	54.5	13.6	-	-

(\*) Alguns indivíduos seguiram mais de um curso. O total das porcentagens, por isso, pode ser superior a 100.



A oscilação da popularidade dos cursos normais ou de formação de professores é, também, evidente nesse período. Mais ou menos entre 1907 e o começo do regime de Vargas, a proporção dos pais de estudantes que seguiram cursos normais reduziu-se a ~~proporções~~ <sup>dimensões</sup> insignificantes. Durante o mesmo período aumentou a proporção dos que seguiram cursos universitários, comerciais e outros não especificados. Entre os pais mais jovens (nascidos entre 1910 e 1919) o curso normal readquiriu um pouco de sua antiga popularidade, embora esse fenômeno tenha sido acompanhado por uma redução drástica na proporção dos que frequentavam a Universidade e por um aumento surpreendente na proporção dos que seguiam cursos técnicos não-universitários. Assim, em uma época em que aumentava a proporção total dos pais que recebiam educação pós-secundária desta ou daquela espécie, a escolha do curso a ser seguido variava consideravelmente.

Os anos centrais do período em estudo foram anos de considerável volume imigratório para o Brasil; parte da explicação desses fenômenos pode ser encontrada nas condições reinantes na época e nas aspirações dos emigrantes, para si próprios e para os filhos. (1) Por outro lado, a oscilação de popularidade dos cursos normais e universitários, evidenciada no Quadro 5, pode bem ser associada a mudanças na política administrativa relacionadas à admissão à Universidade e às escolas normais. O declínio da frequência às escolas normais evidenciado, parece coincidir com um período no qual as taxas de admissão a esses educandários eram tão onerosas quanto as exigidas para o ingresso na Universidade. Se isso é exato, talvez muitas pessoas que, em outras circunstâncias prefeririam ter seguido o curso normal tenham sido atraídas para a Universidade, para a qual as condições de ingresso não eram, então, mais pesadas, e onde o aproveitamento educacional era muito maior; enquanto outros que não podiam arcar com essas despesas seguiram cursos comerciais ou técnicos, para os quais o ingresso era mais fácil. No fim do período, em que o grupo mais jovem de pais ingressava em cursos superiores, a situação tornou a mudar. A admissão à Universidade ficou mais difícil, ao passo que campanhas especiais e o estabelecimento de novas escolas normais chamava a atenção dos jovens para a possibilidade de seguirem cursos de formação de professô

(1) Bem mais de um terço dos pais de alunos universitários eram nascidos no estrangeiro: Hutchinson, B. "Origem socio-econômica dos Estudantes Universitários de São Paulo", Quadro 3, Educação e Ciências Sociais, 1, no. 3, 1956.

res. (2) Essa reorganização, que ocorreu numa época em que os pais mais jovens procuravam obter educação superior pode muito bem ter provocado o resultado final sumarizado no Quadro 5.

#### A Educação do Pai em relação à do Avô

Em parágrafo anterior externamos a idéia de que, considerando-se as famílias individualmente, cada geração estabelecia, por sua vez, o "hábito" da educação formal. Expressando-nos de forma mais específica, fazemos a seguinte pergunta: A experiência educacional do pai influencia profundamente a do filho? E, inversamente, até que ponto é livre o acesso de cada geração à educação e até que ponto é esse acesso influenciado pela origem da família? No que se refere à influência da experiência educacional do pai, deve-se ter em mente que os poucos comentários que aqui podemos fazer, são de aplicação mais específica do que geral, pois estamos lidando com um grupo atípico da população - os parentes dos estudantes universitários. Além disso, como os estudantes não são todos filhos de pais formados por universidades, o problema, obviamente, não é de natureza simples. Qualquer afirmação de caráter definitivo terá que se basear em conclusões de aplicação mais ampla derivadas de dados relativos à população em geral (3). Todavia, os poucos que recolhemos com o presente estudo parecem bastante significativos.

(2) Vide o estudo de Carlos Corrêa Mascaro sobre as várias orientações administrativas de São Paulo relacionadas aos cursos de formação de professores, em: Exames Vestibulares nas Escolas Normais, Caderno nº 8 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1955, e O Ensino Normal no Estado de São Paulo, Caderno de Faculdade nº 10, 1956. Este último trabalho, principalmente, muito contribuiu para explicar o aumento da proporção dos pais mais jovens que seguiram cursos de formação de professores e mostra, claramente, o aumento verificado no número de escolas normais em 1928 e nos anos subsequentes. Por outro lado, não é tão fácil encontrarem-se dados capazes de esclarecer a queda de popularidade da escola normal no período mediano.

(3) Espera-se que o estudo da educação e mobilidade social que o autor e seus colaboradores estão realizando na cidade de São Paulo venha a fornecer o material em que se poderão basear essas conclusões gerais.

Quadro 6

## Educação primária e secundária do Pai em relação à do Avô

P a i	A v ô					
	Escola Primária		Total	Escola Secundária		Total
	Frequentou	Não Frequentou		Frequentou	Não Frequentou	
	%	%	%	%	%	
Frequentou	93.0	7.0	100.0 (673)	63.5	36.5	100.0 (394)
Não Frequentou	40.0	60.0	100.0 ( 20)	13.2	86.8	100.0 (277)

A significação do Quadro 6 é clara: as oportunidades que tinha o pai de obter educação primária ou secundária era muito maiores se o avô também a obtivesse, do que no caso contrário. Deve-se supor que outros fatores, além dos simplesmente educacionais (inclusive, por exemplo, o status social e econômico do avô) constituam elementos importantes nessa relação. Por outro lado, o hábito ou tradição de família - ou possivelmente as exigências de negócios de família - parecem influenciar o tipo da educação posterior. Não só é mais provável que um pai tenha seguido um curso de educação pós-secundária se o avô também o seguiu, como a própria natureza do curso se relaciona com a do avô. Essa relação é mais claramente evidenciada se consideramos separadamente os cursos superiores que foram concluídos e que conferiram diplomas.

Quadro 7

## Diplomas pós-secundário do pai em relação aos do avô

Diplomas do pai	Diplomas do avô					
	1. Universitário	2. Técnico	3. Outros	4. Nenhum	5. Sem informação	6. Total
Universitário	61.1	83.3	35.0	15.8	21.7	23.7
Técnico	1.6	16.7	-	5.7	4.7	4.9
Outros	6.2	-	20.0	5.4	8.0	6.9
Nenhum	26.6	-	45.0	71.3	59.1	61.0
Sem informação	1.5	-	-	1.8	6.5	3.5
Total	100.0 ( 64)	100.0 ( 6)	100.0 ( 20)	100.0 (334)	100.0 (276)	100.0 (700)

No Quadro 7 podemos considerar a distribuição percentual da coluna 6 como sendo a distribuição "esperada" para cada uma das colunas de 1 a 5. Em outras palavras, se o tipo de diploma do pai (ou a falta de um) não fôra afetado de maneira alguma pelo do avô, então a distribuição percentual em cada uma das colunas de 1 a 5 teria sido a mesma da coluna 6. É evidente que esse não é o caso. Entretanto, embora as distribuições percentuais estejam, muitas vezes, em desacôrdo com os da coluna 6, não são inteiramente fortuitas. Quase sempre, quando a freqüência observada excede muito a freqüência esperada, isso indica a existência de uma relação entre o tipo de diploma do pai e o do avô. Por exemplo, se não houvesse qualquer associação entre o fato de possuir o avô um diploma de universidade e as oportunidades de o pai também obter um, então 23,7 por cento dos filhos de avós formados por Universidades também teriam diplomas universitários. Na realidade, 64,1 por cento d'êsses filhos tinham diplomas universitários, o que vem a ser três vezes a proporção esperada. No Quadro 7 veremos que, para todos os tipos de diploma, há maiores probabilidades de o pai do estudante possuir um tal diploma se o avô também o possuísse; enquanto o fato de que o avô não possuía diploma  $\neq$  torna mais do que provável que o pai do estudante também não o possuía. Em resumo no que se refere a essas duas gerações, parece claro que as oportunidades educacionais são distribuídas de modo desigual e, pendem, em cada nível da educação, para aquêles cujas famílias possuem essa tradição de experiência educacional. A fim de sabermos se esta conclusão pode ser aplicada à população em geral teremos que esperar os resultados de novas pesquisas. Deve-se ter em mente, entretanto, que a relação que revela o presente estudo não é, propriamente de natureza simples. É pouco provável, por exemplo, que uma simples tradição familiar de educação universitária seja suficiente para proporcionar a um determinado indivíduo tal educação, quando há falta de recursos econômicos para financiá-la. A influência dos fatores econômicos pode bem estar presente no fato de que o tempo que os pais gastaram na escola secundária era reduzido nos casos em que o avô não possuía tal educação (em tais casos o tempo mediano passado na escola secundária pelo pai do estudante era de 4,2 anos em comparação com os 5,75 anos nos casos em que o avô, também, possuía educação secundária).

### A educação em relação ao status sócio-econômico

O efeito do status social sobre a experiência educacional, só pode ser minuciosamente analisado em relação à geração média - a do pai do estudante. Foi adotada uma escala sócio-econômica consistindo em 6 categorias descendentes de status, baseadas na ocupação do indivíduo, escala essa elaborada em conseqüência de recente estudo realizado na Grã-Bretanha e que se verificou aplicar-se à população de São Paulo. (4) As seis categorias são as seguintes:

- A. Ocupações profissionais e de alta administração
- B. De gerência e executivas
- C. Ocupações de inspeção, supervisão e outras não-manuais de grau superior.
- D. Ocupações de inspeção, supervisão e outras não-manuais, de grau inferior, inclusive vários graus de ocupações de rotina não-manuais.
- E. Ocupações manuais especializadas
- F. Ocupações manuais semi-especializadas e não-especializadas.

Era nossa intenção classificar as ocupações do pai e do avô do estudante de acordo com essas categorias, chegando assim, a uma classificação segundo o status social. Neste caso, entretanto não nos foi possível fazer a classificação mais apurada, de acordo com as seis categorias, em vista da informação insuficiente que nos foi fornecida por grande parte dos entrevistados. Na análise que se segue, portanto, só foram empregados três categorias de status social, a que nos referiremos, respectivamente, como status superior (reunindo as categorias A e B), status médio (categorias C e D) e status inferior (categorias E e F). Essas categorias possibilitaram a realização de duas análises principais dos dados, a primeira mostrando a relação entre o nível educacional do pai do estudante e o status social do avô e a segunda mostrando a associação entre o nível educacional e o status social finalmente atingido tanto pelo pai como pelo avô. No primeiro caso averiguaremos em que proporção o nível

(4) A descrição do método e a apresentação dos resultados dessa verificação podem ser encontrados no trabalho de Hutchinson, B., "Hierarquia de prestígio das ocupações, segundo os estudantes universitários", Educação e Ciências Sociais, I, nº2, 1956, 29-41; e Castaldi, C., "A classificação das ocupações quanto ao prestígio social entre um grupo de emigrantes italianos e seus descendentes na cidade de São Paulo", Revista de Ciências Sociais, nº 3, 1956.

educacional da <sup>filho</sup> criança é influenciado pelo status paterno. No segundo, examinaremos em que proporção o status social atingido está associado ao nível educacional do indivíduo.

Quadro 8

Proporção de pais que frequentaram os cursos primário, secundário e outros, em relação ao status do avô.

Cursos	Status do avô			
	Superior (202)	Médio (289)	Inferior (73)	Sem informação (136)
	frequência	frequência	frequência	frequência
Escola primária	98.0	96.5	93.2	94.1
Escola secundária	72.8	52.9	35.0	51.8
Cursos pós-secundários e outros	52.4	33.6	27.4	15.0

Os dados computados no Quadro 8 evidenciam a existência de uma associação clara e uniforme entre a educação do pai e o status do avô, no sentido de que quanto mais baixa esse status, tanto menor a probabilidade de que o pai tenha recebido qualquer um dos três tipos de educação formal especificados. Verificar-se-á que, mesmo no caso de educação primária, a proporção dos que não frequentaram a escola primária é mais de três vezes maior entre os filhos do status inferior do que entre os avós do status superior. A proporção dos que seguem cursos secundários e pós-secundários (e "outros") entre os filhos de avós do status superior é duas vezes maior do que entre os filhos de avós do status inferior. Tendência semelhante evidencia-se no Quadro 9 que revela que a proporção de pais que possuem diplomas de cursos pós-secundários, de Universidade ou não, está estreitamente ligada ao status do avô.

Quadro 9

Proporção de pais que possuem diplomas de cursos  
nós-secundários, em relação ao status do avô.

Tipo de diploma	Status do avô			
	Superior (202)	Médio (289)	Inferior ( 73)	Sem_infor mação (136)
	%	%	%	%
Universitário	35.6	17.6	15.1	23.4
Técnico	5.0	4.8	5.5	4.4
Outros	6.9	7.3	9.6	4.4
Nenhum	50.5	66.8	68.5	60.6
Sem informação	2.0	3.5	1.4	7.3

A dificuldade de se isolar um fator no caso presente (uma amostra de apenas 700 indivíduos) não permite que se determine exatamente o papel da tradição educacional da família e do status sócio-econômico. Como parece claro, êsses dois fatores devem estar assaz estreitamente associados e, como prevíamos, os dados dos Quadros 6 e 7 devem ser interpretados sob êsse prisma. O status paterno, naturalmente determina o nível educacional de ~~crianças~~ <sup>filhos</sup>, independentemente da educação do pai. Não significa, entretanto, que o status seja imutável: nem todos os avós do status superior tinham filhos que permaneceram no mesmo nível social, e avós do status Inferior tinham filhos que subiram para os Médio e Superior.

Mobilidade social

Pelos dados obtidos no curso da investigação pode-se chegar a uma análise preliminar da proporção da mobilidade social nas gerações de pais e avós (um estudo mais completo do problema depende da conclusão do estudo geral da mobilidade social em São Paulo). O Quadro 10 dá uma idéia geral dos dados relativos à Mobilidade Social. Êste sumário apresenta os dados de duas maneiras. Nas linhas horizontais tem-se a proporção de pais que permaneceram no status do avô <sup>de</sup> que dêle se afastaram. Assim, verificar-se-á que 57,8 por cento de pais que "nasceram" no status Superior nele permaneceram, enquanto 32,9 por cento moveram-se para o status Médio e 8,3 por cento para o Inferior. As co-

lunas verticais por outro lado, indicam a proporção de pais, em cada um dos status, que estavam no mesmo status do avô. Por exemplo, 53,4 por cento dos pais do status Superior, estavam no mesmo status do avô, enquanto 38,9 por cento e 7,7 por cento eram respectivamente filhos de avôs dos status Médio e Inferior. Finalmente, lendo-se o Quadro diagonalmente, da esquerda para a direita, obter-se-á a proporção dos pais que permaneceram no mesmo status do avô; é claro que isto sucedeu menos frequentemente nos casos em que o avô pertencia ao status Inferior.

Quadro 10

Status do pai em relação ao do avô

Status do avô	Status do pai			Total
	Superior	Médio	Inferior	
Superior	57,8	32,9	8,3	100,0 (202)
	53,4	25,8	20,5	35,9
Médio	29,9	57,6	12,5	100,0 (288)
	38,9	64,1	43,4	51,2
Inferior	23,2	35,6	41,1	100,0 ( 73)
	7,7	10,1	36,1	12,9
Total	100,0 (221)	39,2 100,0 (259)	46,0 100,0 ( 83)	14,7 100,0 (563)

Em outras palavras, o Quadro 10 parece indicar que o status do avô é mais frequentemente conservado nos status Superior e Médio do que no Inferior em que mais se manifesta o movimento para outros (e, portanto, mais altos) status. Isto é demonstrado de forma mais clara no Quadro 11 que revela, nos status Superior e Médio uma proporção quase constante de pais que mantêm o mesmo status do avô, assim como uma proporção bastante elevada de pais de origem Inferior que passaram para outro nível. A análise não é tão minuciosa quanto seria de desejar, em vista da necessidade de nos restringirmos a apenas três categorias de status social em lugar das seis inicialmente planejadas; em consequência, apenas um status, o Médio, tem oportunidade de



se mover, quer para cima, quer para baixo. Não obstante, considerando-se o grupo de pais dos estudantes como um todo, parece evidente que 55,8 por cento conservaram o status do avô, enquanto 22,9 por cento subiram de status e 21,3 desceram.

Quadro 11

Proporção de pais cujo status era mais alto  
ou mais baixo do que o do avô

Status do avô	Status do Pai			Total
	Mais alto	Igual	Mais baixo	
Superior	-	58,4	41,6	100,0 (202)
Médio	29,9	57,6	12,5	100,0 (288)
Inferior	58,8	41,1	-	100,0 (73)
Total	22,9	55,8	21,3	100,0 (563)

Esta forma simples de considerar a mobilidade vertical só tem valor, entretanto, pelo fato de nos dar uma idéia geral do grau de mobilidade de um status para outro. É uma avaliação parcial porque não considera as circunstâncias em que ocorreram as mudanças. Durante todo o período incluído na estatística o Brasil, principalmente no Sul, atravessava um processo de expansão econômica. O ritmo dessa expansão-que aumentou as oportunidades de emprego-variou, sem dúvida, algumas vezes, mas a tendência se manteve, isto é, houve maiores oportunidades nos setores econômicos já existentes além de surgirem novos empreendimentos econômicos que proporcionaram oportunidades (para o Brasil) de uma espécie inteiramente nova. Além disso, esse estado de coisas deve ser considerado paralelamente ao fato de que os avós de muitos dos estudantes, sendo imigrantes, eram indivíduos cujas famílias manifestariam muito provavelmente uma tendência para a mobilidade vertical. Em outras palavras, a mobilidade social depende tanto das oportunidades que existem na situação sócio-econômica, quanto das características pessoais e educacionais dos indivíduos. Quer dizer, se existirem mais oportunidades para novos membros de um determinado status (devido, por exemplo, à expansão da indústria), então, nas mesmas condições, a mobilidade ascensional será maior nesse status do que

noutro em que as oportunidades permaneçam as mesmas ou se tenham reduzido, de uma geração para outra. Conseqüentemente temos que considerar a distribuição dos filhos entre os três status como um reflexo das oportunidades que, em cada um dêles, se lhes oferecia. Resumindo, pois, no que diz respeito à mobilidade social, a distribuição dos Quadros 10 e 11 não é suficiente. Teremos que utilizar um outro método de análise que inclua a variação da oportunidade e calcule a mobilidade relativa de um status em comparação com outro (5). Uma das maneiras de o conseguirmos é por meio de um Índice de Associação entre o status de pais e filhos, que se baseie no conceito de mobilidade "perfeita"-isto é, postulando-se que a oportunidade de um pai atingir determinado status independe do status do avô. Assim, quando o Índice de Associação é maior do que a unidade, quer dizer que se incluem mais indivíduos no status do pai do que seria de esperar. Além do mais, quanto mais alto o Índice de Associação, tanto maior o grau de auto-recrutamento ou de preservação do status prprio de uma determinada categoria. Esse índice foi calculado em relação aos avós e pais dos estudantes (Quadro 12).

Quadro 12

Índices de Associação entre o status dos pais e o  
dos avós dos estudantes

Status do avô	Índices de associação (*)
Superior	1.488
Médio	1.253
Inferior	2.788

(\*) O teste do chi-quadrado revela que todos os índices estão bem afastados da unidade.

O emprêgo do Índice de Associação nos faz chegar a uma conclusão bem diferente da que indicam os dados obtidos nos Quadros 10 e 11. Verificar-se-á que o mais alto valor do índice ocorre quando o avô pertencia ao status Inferior. Em termos

(5) Vide "A Note on the Analysis of Data on Social Mobility" by R. Mukherjee and J.R. Hall in Social Mobility in Britain (Ed. David Glass), London, 1954, pp. 218-259. Esse artigo faz referência a um trabalho anterior, neste campo, de autoria de R. Benini, M. Bresard, L. Livi e N. Rogoff.

relativos isto quer dizer que a mobilidade social, vertical é mais comum entre os pais de origem Inferior do que entre os de origem Média ou Superior e que a conservação do status paterno é mais acentuada no status Inferior do que em qualquer outro. Esta conclusão é o oposto da primeira à que se chegou, a qual, tendo-se baseado em uma simples distribuição percentual, parecia indicar um maior grau de mobilidade no status Inferior - com os cálculos do Índice de Associação torna-se claro que a mobilidade maior ocorre no status Médio - o que é bastante compreensível, já que é este o único status em que há possibilidade de se subir ou descer na escala social.

### A Mobilidade Social e a Educação

Passamos agora a estudar a associação entre a mobilidade social e o nível educacional. Já vimos (Quadro 8) que o nível educacional está estreitamente relacionado ao status social paterno, no sentido de que quanto mais alta o status do avô, tanto maior educação deve ter recebido o pai do estudante. Também se poderá demonstrar (embora, para não alongar o trabalho, as estatísticas correspondentes não estejam aqui incluídas) que o status do próprio pai do estudante está estreitamente relacionado ao seu nível educacional. Entretanto, isto não nos permite isolar o efeito da educação como determinante do status social, pois existe uma alta correlação entre o status do avô, o status do pai e a educação deste último. A única maneira de se poder determinar o efeito da educação sobre o status social é relacionando o status do pai ao do avô, analisando, em seguida, os níveis educacionais daqueles que conservaram o status do avô e os daqueles que dele se afastaram. Desta forma poder-se-á demonstrar, por exemplo, em que proporção aqueles que desceram do status em que nasceram eram menos educados do que os que o conservaram ou que se moveram para um status mais alto.

No Quadro 13 fêz-se essa análise dos filhos de avós do status Superior. Lendo-se as linhas horizontais, verifica-se logo a influência da educação. Assim, dos pais de estudantes que (conquanto nascidos no status Superior) receberam apenas uma educação primária, 42 por cento conservaram o status paterno. No outro extremo, dos que receberam educação universitária, 84,6 por cento permaneceram no status Superior. Em outras palavras, pe-

rece evidente, no que diz respeito aos que nasceram no status superior, que a capacidade de conservar este status depende em grande parte do apoio de uma educação universitária. Isoladas, nem a educação primária, nem a secundária, têm efeito equivalente, muito embora seja digno de nota o fato de que nenhum daqueles que não receberam qualquer educação conseguiu conservar o status paterno.

Quadro 13

O status atingido pelo pai (mesmo que tenha nascido no status Superior) de estudante em relação à sua educação

Educação	Status Atingido			Total
	Superior	Médio	Inferior	
Nenhuma	-	66,6 (*)	33,3 (*)	100,0 ( 3)
Primária	42,0	44,0	14,0	100,0 ( 50)
Primária e Secundária	43,5	44,9	11,6	100,0 ( 70)
Primária, Secundária e Universitária	84,6	14,1	1,3	100,0 ( 79)
Total	58,5	33,0	8,5	100,0 (202)

(\*) Estas porcentagens foram incluídas apenas para melhor esclarecer a tendência evidenciada pelo restante do quadro. Deve-se, entretanto, ter em mente, a pequena base sobre a qual foram calculadas.

Com a finalidade de acentuar a significação dessas conclusões, dispôs-se o material de maneira diferente (Quadro 14), e destinada a evidenciar os níveis educacionais, tanto dos pais que conservaram o status do avô como dos que dele desceram. Examinando, em primeiro lugar, o efeito da educação universitária, verificamos que 56,5 por cento dos que permaneceram no status superior, frequentaram a universidade, contra 16,8 por cento dos que baixaram para o Médio e 5,9 por cento dos que baixaram para o Inferior. No caso da educação secundária, a diferença é grande apenas sob um aspecto - isto é, uma proporção muito maior dos

que baixaram do status superior do que dos que nele permaneceram, receberam apenas educação secundária, embora não haja diferença a esse respeito entre aqueles cuja mobilidade se orientava para o status Médio e os que se moviam para o Inferior. Por outro lado, o efeito negativo de uma educação exclusivamente primária (como o de não ter educação alguma) é evidenciado pela tendência acentuada de aumento da proporção dos que possuem esse baixo nível de educação à cada descida de status.

Quadro 14

Nível educacional do pai (nascido no status Superior) do  
estudante em relação ao status que atingiu.

Educação	Status atingido			Total
	Superior	Médio	Inferior	
Nenhuma	-	3,0	5,9	1,5
Primária	17,9	33,3	41,2	25,0
Primária e Secundária	25,6	46,9	47,0	34,5
Primária, Secundária e Universitária	56,5	16,8	5,9	39,0
Total	100,0 (118)	100,0 ( 67)	100,0 ( 17)	100,0 (202)

Se examinarmos a relação entre a educação e o status social dos pais de estudantes originários do status Inferior, obteremos o reverso deste quadro. Até aqui preocupamo-nos com a importância do nível educacional para a conservação do status em que nasceu o pai do estudante; passaremos agora a examinar a sua importância para a ascensão a um status superior.

Uma análise feita em moldes semelhantes ao que acabamos de examinar, neste caso, entretanto, referente a pais descendentes de avós do status Inferior, revela claramente uma alta correlação entre o tempo de escolaridade e a mobilidade social ascensional (Quadro 15). Os indivíduos de status Inferior, mas com educação universitária, moveram-se, sem exceção, para um status mais alto, a grande maioria para o Superior. Isto confirma, de maneira enfática, a importância suprema da formação universitária como determinante de inclusão no status Superior,

que se evidenciou pela análise anterior. No caso presente, entretanto, a importância de outros tipos de nível educacional nos status inferiores está mais evidente do que antes. Assim, enquanto bem menos da metade dos que receberam apenas educação primária, moveram-se para os status Médio e Superior, cerca de três quartos dos que possuíam educação secundária subiram de status; e, fato digno de nota, uma proporção muito maior deste último grupo conseguiu atingir o status Superior.

Quadro 15

Status atingido pelo pai (embora nascido no status Inferior) do estudante em relação à sua educação

Educação	Status atingido			Total
	Superior	Médio	Inferior	
Nenhuma	-	33,3 <sup>(*)</sup>	66,6 <sup>(*)</sup>	100,0 ( 3)
Primária	12,8	36,1	51,1	100,0 ( 47)
Primária e Secundária	20,0	53,3	26,7	100,0 ( 15)
Primária, Secundária e Universitária	87,5	12,5	-	100,0 ( 8)
Total	21,9	37,0	41,1	100,0 ( 73)

(\*) Estas porcentagens foram incluídas apenas para melhor esclarecer a tendência evidenciada pelo restante do quadro. Deve-se, entretanto, ter em mente, a pequena base sobre a qual foram calculadas.

Essas conclusões foram reforçadas pela redistribuição dos dados em sentido inverso, como o fizemos no caso dos filhos de avós do status Superior. A maioria dos que nasceram no status Inferior ou que nele permaneceram, ou não tinham educação nenhuma ou apenas a primária. Dentre os que subiram para o status Médio, cerca de um terço havia atingido o nível de escolaridade secundário, enquanto dos que conseguiram atingir o status Superior, cerca de metade tinha diploma universitário (Quadro 16).

Somos, portanto, levados à conclusão de que no que diz respeito à geração paterna, a educação foi um fator extremamen-

te importante como determinante de status social e, portanto, como causadora da mobilidade social, vertical. Uma boa educação tornou mais provável que um indivíduo nascido no status Superior ali permanecesse, bem como um nascido no status Inferior, dêle se afastasse. Por outro lado, também é evidente que uma grande proporção dos que nasceram em qualquer status não foi afetada por níveis educacionais. Muitos, por exemplo, subiram do status Inferior para o Superior, apesar do fato de só haverem recebido a educação primária, assim como alguns possuidores de educação secundária ou universitária desceram do status Superior para o Médio ou o Inferior. Naturalmente é fácil explicar este fato em termos de diferenças de personalidade, de oportunidades e de circunstâncias pessoais. Entretanto, nossos dados (especialmente os que se referem à educação universitária) muito contribuíram para confirmar a importância fundamental do nível educacional como instrumento de ascensão social, e para diminuir a significação da mera herança do status paterno. É certo que o nível educacional está inversamente relacionado com o status paterno, de sorte que os filhos de pais do status Inferior têm menos oportunidade de obter educação do que os de pais do status Superior. Nas circunstâncias atuais essa relação inversa é crucial. Mas é evidente que, com a extensão das oportunidades educacionais a uma proporção sempre crescente da população, aumentará a mobilidade social e diminuirá a importância da herança do status social.

#### Quadro 16

Nível educacional do pai (nascido no status Inferior)  
do estudante em relação ao status que atingiu

Educação	Status atingido			Total
	Superior	Médio	Inferior	
Nenhuma	-	3,7	6,7	4,1
Primária	37,5	62,8	80,0	64,4
Primária e Secundária	18,8	29,6	13,3	20,5
Primária, Secundária e Universitária	43,8	3,7	-	11,0
Total	100,0 ( 16)	100,0 ( 27)	100,0 ( 30)	100,0 ( 73)

### Mobilidade geográfica

Vimos que existe, nas famílias dos estudantes, um alto grau de mobilidade social, vertical da geração do avô para a do pai. Também é possível demonstrar que a mobilidade social tem seu paralelo na mobilidade geográfica, embora o número de pessoas a respeito das quais possuímos informações <sup>seja</sup> muito pequeno para permitir uma nova análise que demonstre uma possível associação entre os dois tipos de mobilidade. É muito provável, entretanto, que tal associação exista em todos os status, principalmente no que diz respeito à migração internacional e à migração interna, rural-urbana. No Brasil, como em outros países, o efeito da educação propriamente dita é desviar o interesse do aluno, das áreas rurais e das pequenas cidades, para os grandes centros onde a instrução e a habilidade podem ser utilizadas com maiores vantagens, pois, até muito recentemente, os currículos escolares eram (em em grande parte ainda são) produtos urbanos, fabricados para favorecer interesses urbanos.

Além do mais, por várias razões, o caminho para um status social mais alto é mais facilmente encontrado nas grandes cidades do que na zona rural e nas pequenas cidades do interior. Em períodos de rápido crescimento industrial e comercial - como o que vem atravessando o sul do Brasil nas últimas décadas - que determina o aparecimento de novos campos de atividade até aqui inexistentes, são redobradas as probabilidades de mobilidade. O resultado, no Brasil, foi a crescente urbanização da população no decorrer do século presente.

A maioria dos estudantes, eles próprios, nasceu na cidade ou no Estado de São Paulo. Para que tal sucedesse, entretanto, foi necessária uma grande proporção de mobilidade geográfica, na própria família dos estudantes, nas duas gerações precedentes. Isto é evidenciado pelos algarismos referentes ao local de nascimento do pai e do avô, que indicam um aumento, nas gerações sucessivas, de 16,4 por cento (avós), de 45,2 por cento (pais) e de 80,6 por cento (estudantes), na proporção dos nascidos na cidade ou no Estado de São Paulo. Em contraste, as proporções dos que nasceram no estrangeiro diminuíram, com o correr do tempo, de 61,8 por cento de avós e de 36,3 por cento de pais para apenas 6,8 por cento de estudantes. Essa mobilidade geográfica torna-se ainda mais evidente através dos algarismos



referentes ao movimento entre as gerações. Se compararmos, por exemplo, o local de nascimento do pai do estudante com o de sua residência permanente na ocasião da entrevista (ou na época de sua morte) verificaremos que a maioria dos pais mudara-se da região em que nasceu para o Estado ou, mais frequentemente, para a cidade de São Paulo (Quadro 17).

Quadro 17

Local de nascimento do pai do estudante em relação ao local de sua residência permanente na ocasião da entrevista ou na época de sua morte.

Local de nascimento	Local de residência permanente na ocasião da entrevista ou na época de sua morte								Total
	S. Paulo (cidade)	S. Paulo (estado)	Sul	Centro	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Exterior	
S. Paulo (cidade)	91,8	5,9	1,2	1,1	-	-	-	-	100,0 ( 85)
S. Paulo (estado)	56,8	41,5	0,9	0,4	-	-	-	0,4	100,0 (229)
Sul	56,2	-	25,0	12,5	-	-	6,3	-	100,0 ( 16)
Centro	47,1	22,1	1,5	29,3	-	-	-	-	100,0 ( 68)
Centro-Oeste	33,3	33,3	-	-	33,3	-	-	-	100,0 ( 6)
Nordeste	46,1	15,4	-	-	3,8	34,6	-	-	100,0 ( 26)
Norte	50,0	16,7	-	-	-	-	33,3	-	100,0 ( 6)
Exterior	66,8	21,5	2,8	3,3	-	-	-	5,6	100,0 (252)
Total	63,2	25,6	2,2	4,7	0,4	1,3	0,4	2,2	100,0 (688)

II

Passamos agora ao exame das opiniões dos estudantes sobre certos aspectos da educação universitária, suas funções e seus fracassos. Na interpretação dos dados que agora apresentamos é preciso ter em mente que 75 por cento dos estudantes entrevistados manifestaram insatisfação ou desapontamento com sua experiência na Universidade de São Paulo. Essa insatisfação em

um pouco mais generalizada entre as mulheres do que entre os homens mas se mantinha praticamente inalterada, fôsse qual fôsse o status social de origem do estudante. Portanto, em outras palavras, a Universidade não está atualmente proporcionando o tipo de educação que, na opinião dos estudantes, deveria proporcionar. Nosso propósito, neste trabalho, não é fazer qualquer julgamento definitivo da justiça ou não das opiniões dos estudantes. Ao mesmo tempo, justas ou injustas, essas opiniões têm seu valor intrínseco para o exame do atual sistema educacional brasileiro. Convém, pois, em primeiro lugar, examinar algumas funções que, na opinião dos estudantes, a educação universitária deveria cumprir.

### O que os estudantes esperam da Universidade

O conceito de universidade como o lugar adequado à busca do conhecimento pelo conhecimento, sem levar-lhe em conta o valor prático, está perdendo campo em todo o mundo devido à corrente que considera a Universidade um centro de estudos superiores técnicos ou de formação profissional. Não há dúvida de que a atitude liberal em relação aos estudos universitários só pode subsistir em determinadas circunstâncias sócio-econômicas que raramente têm ocorrido na história do universo. Seja como fôr, no Brasil como na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e nos demais países, parece que se empresta maior importância ao conceito de universidade como centro de formação profissional, ao passo que o conceito da "educação pela educação" está-se tornando menos importante para a média dos estudantes. Entre os alunos da Universidade de São Paulo, apenas um em seis considera a educação universitária como um fim em si própria. Em oposição a êstes, um quarto a considera exclusivamente uma preparação à carreira futura, tendo a metade restante conjugado a profissão à cultura geral. Até que ponto êsse desejo aparente, embora minoritário, de estudo desinteressado é sincero e quanto existe nele de simples tributo verbal a valores antiquados, conquanto familiares, é difícil de dizer, apesar de ser evidente que os que estudavam "pelo estudo" manifestavam menos freqüentemente descontentamento com a universidade do que os que consideravam o estudo universitário uma preparação para a carreira. As respostas dos próprios informantes à pergunta: "Quais são as principais coisas que deseja conseguir do curso universitário?" dão uma idéia mais clara

do que os estudantes esperam de uma educação universitária. Uma grande parte mencionou puramente educação e cultura como objetivo, mas este era sempre acompanhado de outras finalidades, geralmente profissionais (Quadro 18). Esses objetivos profissionais foram citados por mais de três quartos dos estudantes, alguns dos quais referiam-se simplesmente a "uma carreira", ou "profissão", enquanto outros ampliavam mais especificamente seus comentários mencionando "estabilidade econômica", "um bom emprego" e "mais dinheiro".

Quadro 18

Objetivos que procuram alcançar os estudantes  
pela educação universitária

O b j e t i v o	Porcentagem de estudantes(*)
Cultura, educação conhecimento	59,4
Especialização, formação profissional	58,0
Estabilidade econômica, um bom emprego, etc.	21,0
Um diploma	13,5
Posição social, prestígio	7,0
Utilidade à comunidade	2,8
<b>T o t a l</b>	<b>100,0 (700)</b>

(\*) Um dos informantes citou mais de um objetivo. O total das porcentagens é, portanto, superior a 100.

Apenas uma pequena proporção referiu-se espontaneamente à possibilidade de melhorar o seu status social ou o seu prestígio, muito embora, como teremos ocasião de mencionar mais adiante, os informantes fossem unânimes em sua convicção de que a educação universitária contribui de fato para elevar o status social. Isto levanta a questão do grau de importância que os estudantes atribuem a vários objetivos que mencionaram. A fim de obtermos dados, pelo menos preliminares, sobre o problema, pedimos aos informantes que classificassem, em ordem de importância, as cinco vantagens que se poderiam esperar de uma educação universitária. As vantagens que se sugeriram foram as seguintes: um emprego mais rendoso, conhecimento e informações, prestígio social, amizades, e uma ocupação mais interessante. Os resulta

dos deste teste revelaram que conhecimento e informações foram mais frequentemente classificados em primeiro lugar (isto é, no lugar de maior importância), ao passo que o prestígio social foi classificado, geralmente, no quinto lugar, isto é, o de menos importância. Por outro lado, com exceção, talvez, de "conhecimento e informações" (que 73,5 por cento dos informantes classificaram no primeiro lugar) houve um alto grau de desarmonia na avaliação da importância. Isto se verifica pelo desvio médio (Quadro 19). Também é digno de nota o fato de que, embora praticamente nenhum estudante houvesse mencionado espontaneamente "amizade" à primeira vez em que se lhes pediu que citassem os objetivos ao seguirem um curso universitário, a porcentagem bastante significativa de 17,6 por cento, classificou-a posteriormente no primeiro ou segundo lugar de importância. Isto, por si só, parece levantar alguma dúvida sobre a validade dos dois métodos utilizados. Os resultados do método de classificação mostram, entretanto a seguinte hierarquia das cinco "vantagens" da educação universitária que foram sugeridas (segundo a avaliação mediana): conhecimento e informações no primeiro lugar; um emprego mais rendoso e uma ocupação mais interessante, ambos no terceiro lugar; amizade no quarto e prestígio social no quinto. À luz dos dados anteriormente apresentados, temos pouca dúvida quanto à grande, senão predominante importância que se atribui aos aspectos profissionais da formação universitária, conquanto subsista uma adesão, grandemente espalhada (talvez apenas verbal), ao velho ponto de vista de que a universidade é a fonte do saber pelo saber. Como se poderia esperar, entretanto, a importância dos aspectos profissionais da educação universitária variou de acordo com o status social do estudante. Isto é evidenciado pela proporção dos que classificaram "um emprego mais rendoso" em primeiro ou segundo lugar de importância. Os estudantes do status Superior demonstraram menos inclinação a atribuir importância a esse fator do que os dos outros status. Foram as seguintes as proporções de estudantes que classificaram o "emprego mais rendoso" em primeiro ou segundo lugar: 33,4 (status Superior), 37,5 (status Médio) e 51,9 (status Inferior).

## Quadro 19

Ordem de importância em que os estudantes classificaram certas "vantagens" da educação universitária que lhes foram sugeridas.

Vantagem sugerida da educação universitária	Avaliação mediana	Desvio médio	Classificação					Total
			1º lugar	2º lugar	3º lugar	4º lugar	5º lugar	
Conhecimento e informações	1	0,447	73,5	13,9	8,3	3,0	1,3	100,0 (676)
Emprego mais rendoso	3	0,948	10,1	27,9	27,6	21,9	12,4	100,0 (662)
Emprego mais interessante	3	1,024	12,2	34,9	23,3	16,3	13,3	100,0 (654)
Amizade	4	0,854	1,2	16,4	28,4	33,5	20,5	100,0 (645)
Prestígio social	5	0,883	3,3	8,2	13,2	24,3	51,0	100,0 (645)

Em nossas considerações iniciais demonstramos que a educação universitária é fundamental, tanto para a preservação do status Superior, quanto para facilitar a mobilidade vertical de um status mais baixo para outro mais alto. Isto confirma o ponto de vista dos próprios estudantes, pois 97 por cento dos informantes concordaram em que a educação universitária facilita, na realidade, a mobilidade social ascensional. Por outro lado, nem todos consideraram "importante" essa função do curso universitário. Contudo, a classificação do prestígio social no último lugar (Quadro 19) deve ser encarado em vista do fato de que cerca de 70 por cento dos estudantes o consideram um fator significativo, proporção essa que revelou pouca tendência a se modificar de acordo com o sexo ou mesmo com o status social. Além do mais, achamos interessante que, reconhecesse ou não o informante a "importância" da educação universitária a esse respeito, pouca diferença fazia para a sua classificação na escala de cinco categorias acima mencionada.

A tendência geral destes dados sugere a possibilidade de que os estudantes julguem as vantagens da educação universitária, não como entidades separadas, mas como um todo em que os vários fatores estão inextricavelmente ligados uns aos outros. A estreita relação entre o grau de educação, responsabilidade e interesse de emprego, volume da renda e status social, torna-se

evidente através de nosso estudo. Nessa interrelação, o fator-chave parece ser uma educação especializada, ou semi-especializada que, dependendo de sua profundidade e valor prático, abrirá automaticamente a porta para um bem remunerado e interessante emprego de alto prestígio social.

### Críticas ao Ensino Secundário

Contrariamente ao que se esperava, entretanto, as críticas e sugestões específicas feitas pelos estudantes absolutamente não se centralizaram (a não ser, talvez, por inferência) nas deficiências práticas dos cursos universitários. Na realidade, as críticas mais comuns referiam-se a pretensas inaptações do quadro docente da Universidade, aliadas a sugestões sobre a sua melhor seleção no futuro. Por outro lado, só poderemos julgar a natureza dessa inaptação (isto é, em que sentido são considerados maus professores) através das outras sugestões de melhoria feitas pelos estudantes. Estas parecem caber em duas categorias principais. Em primeiro lugar, certas críticas referiram-se aos currículos em geral, ou a determinados aspectos dos mesmos - incluem-se aqui, naturalmente as sugestões para reforma dos currículos visando torná-los mais "práticos" ou "aplicados" aos problemas da vida diária. Em segundo lugar uma categoria mais ampla de críticas referia-se ao meio da universidade - seleção do quadro docente, seleção dos estudantes, equipamento escolar, número e duração das aulas, contacto entre estudantes e professores, etc. Embora não se possam tirar conclusões definitivas dos dados disponíveis, parece provável que a queixa predominante dos estudantes diz respeito ao que eles acreditam ser a inaptação do corpo docente da universidade, decorrente do fato de sua relutância ou incapacidade em oferecer cursos "práticos" ou "profissionais" e, em segundo lugar, da sua alegada relutância em prestar atenção e assistência pessoal aos estudantes, ou a tratá-los como "acadêmicos" e não como "colegiais" como o vêm ficando.

quadro 20Sugestões dos estudantes para melhoria  
dos cursos universitários

Sugestões de melhorias	Porcentagem da estudantes(*) (n = 700)
Escolha mais adequada, melhor, de professores, etc. Melhoria de corpo docente	26.4
Mais trabalho prático; ensino mais prático, etc.	22.7
Maior contacto entre professores e alunos; maior assistência por parte dos professores	17.1
Reforma do currículo; melhor distribuição de matérias, etc.	11.8
Diminuir o número de matérias - o período de aulas, etc.	6.3
Aumentar o número de anos do curso; aumentar o número de aulas	6.0
A Universidade deveria facilitar os estudos: concedendo bolsas, dando trabalho na própria Universidade	6.0
Melhor base secundária: mais preparo para os vestibulares	4.2
Modificação do regimento das faculdades: só exames orais; o sistema de promoção deve ser modificado, etc.	4.2
Maior especialização	4.1
Melhoria das condições materiais: salas, equipamento, laboratórios	3.7
Criar a Cidade Universitária	2.0
Eliminar a frequência obrigatória; revisão no conceito de frequência	1.6
Mais formação humanística, geral, cultural, universitária	0.3

(\*) Muitas vezes um informante oferecia mais de uma sugestão. O total das porcentagens é, portanto, superior a 100.

O fato de serem espontâneas essas sugestões e não registradas a perguntas sugestivas, deixa-nos pouca dúvida quanto ao fato de que, seja qual for a justiça de suas queixas contra o

corpo docente da universidade, é generalizada entre os estudantes a crença de que o ensino é inadequado. E porque a formação universitária é considerada como uma formação profissional, as deficiências mais especialmente notadas são as que se acredita resultarem em habilidade técnica inadequada (é interessante notar-se que apenas 0,3 por cento dos estudantes manifestaram desejo de "mais formação humanística, etc."). É provável que a proporção de estudantes que sentem essa inadequação da formação universitária varie conforme a Faculdade em que trabalham, embora não tenhamos achado conveniente tentar, nesta pesquisa, uma comparação tão discriminatória: isto preferimos deixar a quem esteja mais intimamente ligado à Universidade e a seus problemas.

### III

#### Sumário

1. Os avós paternos dos estudantes universitários entrevistados eram de nível educacional significativamente mais baixo do que as gerações seguintes, não havendo também nesse grupo qualquer tendência para o aumento do grau de educação formal durante a última metade do século 19. Por outro lado, considerando-se unicamente a educação primária parece evidente ter sido ela muito mais comum entre eles do que entre o resto da população. Neste sentido, portanto, pode-se dizer que os avós dos estudantes foram excepcionais em uma época em que a educação primária no Brasil atingia um setor bem menor da população do que hoje em dia.
2. Uma nítida relação evidenciou-se entre o nível educacional do avô e o do pai. Isto é, o pai tinha oportunidade muito maior de obter educação primária ou secundária se o avô a tivesse tido, do que em caso negativo. Também houve estreita relação entre os diplomas pós-secundários do pai e do avô. No caso da educação universitária, sempre que o avô tivera diploma universitário, a probabilidade de o pai também o obter era quase triplicada, sendo aparente essa mesma tendência da oportunidade educacional no caso da formação técnica e outras especializações.
3. Os pais dos estudantes tinham em geral nível educacional mais alto do que os avós, e parece haver uma tendência bastante acentuada em todos os níveis da educação formal para o englobamento constante nos últimos vinte anos do século passado e



nos primeiros vinte anos do século presente. Esta tendência foi acompanhada de um aumento de quase um ano no tempo médio gasto na educação secundária no período que estudamos.

4. Em grande parte, a relação entre a educação do pai e a do avô foi uma função do status social do último. Isto é, houve uma associação uniforme entre o nível educacional do pai e o status social do avô, no sentido de que, quanto mais alto o status do avô, tanto mais elevado o nível educacional do pai.

5. Nota-se um alto grau de mobilidade vertical entre as gerações do pai e do avô. Por exemplo, mais de 40 por cento dos pais que "nasceram" no status Superior, desceram para o Médio ou o Inferior. Em contraste, dos que "nasceram" no status Inferior, cerca de 60 por cento subiram para status superiores. No todo, apenas 55,8 por cento dos pais permaneceram no mesmo status do avô. Em termos relativos, entretanto, a mobilidade social foi menos comum entre os de status Inferior do que entre os originários dos status Médio e Superior.

6. Uma nova análise mostrou que a educação é um fator altamente importante na determinação de status social e, por conseguinte, para facilitar a mobilidade social, vertical. Uma boa educação torna mais provável que um homem de status Superior permaneça no mesmo e que um do status Inferior se mude para um mais alto. Assim, a maioria dos pais "nascidos" no status social Inferior e que nele permaneceram foram os que, ou não receberam a educação de espécie alguma, ou apenas atingiram o nível primário; enquanto os pais de status Inferior que obtiveram educação universitária, subiram, sem exceção, para status mais altos, geralmente para o Superior.

7. A mobilidade social, vertical parece vir acompanhada por uma acentuada mobilidade geográfica entre as três gerações. Por exemplo, apenas 16,4 por cento dos avós nasceram na cidade ou no Estado de São Paulo, em comparação com 45,2 por cento dos pais e 80,6 por cento dos próprios estudantes. A amostra estudada foi muito pequena, entretanto, para permitir uma outra análise que demonstrasse até que ponto a mobilidade geográfica esteve associada à mobilidade social.

8. Conquanto um grande (e talvez espúrio) tributo fôsse pago pelos estudantes ao conceito de educação universitária "pg

la educação", a verdadeira importância da formação universitária parece residir, para muitos, <sup>(na sua qualidade de profissionais)</sup> no seu preparo para futuras carreiras. Os estudantes em geral mostraram compreender o valor da educação universitária para lhes elevar o status social, bem como emprestaram-lhe grande importância como fator determinante na obtenção de empregos "mais rendosos" e "mais interessantes".

9. Por outro lado, três quartos dos estudantes entrevistados manifestaram seu descontentamento com a Universidade de São Paulo como a encontraram. Suas queixas referem-se mais freqüentemente ao que acreditam ser atuais deficiências do corpo docente da Universidade, principalmente no que se refere aos cursos que ministram, os quais eles acham pouco "profissionais" ou "práticos". Muitos também manifestaram o desejo de maior contacto pessoal entre estudantes e professores e um maior grau de assistência pessoal destes últimos aos estudantes.